BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE COIMBRA

Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM Dinis

Nº40 19 de Outubro de 1998 **Quinzenal** **Directores**: Adeodato Valente Pinto e Fernando Nunes
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**



Quarto com vista para a Universidade

Maria de Fátima Sousa e Silva em entrevista...

"A minha actividade profissional é sobretudo um trabalho de estudiosa e de tradutora de textos de teatro. Não tenho qualquer tipo de experiência de teatro, de cena ou material de teatro e penso até que esse é um divórcio que existe tradicionalmente no nosso país."

A nova pró-reitora para a cultura e professora do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra dá conta da coordenacção do livro agora publicado, "Representações do Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo", editado pela Colibri, e fala-nos das suas novas funções e aspirações académicas.

pág. 10 e 11

Actus
A Festa do Teatro Universitário

A 4ªedição do Actus mostra à cidade de Coimbra uma dezena de peças do melhor teatro universitário que se faz no país.Há também teatro de rua, pantomima e ateliers consagrados a esta arte.

Durante oito dias, o teatro feito pelos universitários invade a cidade e ameaça transformar-se numa grande festa, faltando apenas a adesão dos restantes estudantes e do público de Coimbra.

Festa das latas
Latada total

A latada parece este ano querer assumir-se como um verdadeiro festival de Outono no panorama musical português. Morphine, Young Gods, Drugstore são os grandes nomes do certame.

pág. 12

Quanto cu$ta viver em Coimbra?

"Ordena que sejam eleitos dois homens probos do Conselho de Coimbra e dois escolares idóneos para tratarem dos problemas relativos à residência estudantil, quando surgirem dúvias a tal respeito; aos taxadores encarrega-se de avaliar os justos preços das rendas das casas."
D. Dinis, in Carta Magna Privilegiorum, 15 de Fevereiro de 1309

Más condições de alojamento, quartos sem condições, sub–arrendamentos ilegais e senhorios que se recusam a passar recibos de renda continuam a ser prática corrente em Coimbra. Maria do Carmo Fidalgo, acessora jurídica da Associação Portuguesa de Consumidores (ACOP) diz que "a situação em Coimbra, em termos de arrendamento continua muito má e isso nota–se sobretudo pela contínua não emissão de recibos de renda". Segundo os seus dados, isto verifica–se quer em pessoas que sub–arrendam as suas próprias casas quer em pessoas que arrendam apartamentos independentes dos quais sejam proprietários. Salienta que a este nível há muitas ilegalidades.

Na sua opinião, os vínculos precários de arrendamento passam sobretudo pelas más condições de alojamento por vezes em espaços quase inabitáveis ou em espaços manifestamente pequenos para o número de pessoas que comportam: "Como sabe, quanto mais pessoas os senhorios puserem nos apartamentos, mais ganham", acrescenta Maria do Carmo Fidalgo. Prática comum continua também a ser o termo dos contratos de arrendamento sem mútuo acordo e sem prévio aviso: "Muitas vezes os estudantes encontram as suas malas à porta. Mas não se pode fazer nada se as pessoas não se queixarem". Segundo a ACOP o número de queixas efectivas é muito inferior à realidade numérica de Coimbra: "É necessário que as pessoas se queixem e protestem quando vêem situações ilegais e é precisamente isto que não tem acontecido". São casos à espera de ser denunciados até porque, segundo Maria do Carmo Fidalgo, "até agora o governo ainda não tomou nenhuma posição relativamente a esta matéria".

Más condições de alojamento, quartos sem condições, sub–arrendamentos ilegais e senhorios que se recusam a passar recibos de renda continuam a ser prática corrente em Coimbra.

A Alta

Na Rua das Matemáticas, em plena alta da cidade, o proprietário de uma mercearia conta pelos dedos as situações que ali à volta estão em conformidade com a lei. Sabe que a maioria está ilegal. Para muitos estudantes a alta de Coimbra é uma das zonas de maior especulação imobiliária. Para muitos senhorios é um modo de vida. À primeira, são poucas as casas restauradas. O resto faz supor péssimas condições de habitação e situações verdadeiramente calamitosas. O aspecto degradado da maioria dos prédios não indica o contrário. Ainda na mercearia, o proprietário relata casos de quartos em vãos de escada, a preços estabelecidos entre os 15 e os 20 mil escudos e diz que é prática corrente o limite semanal de banhos. Muitos senhorios não passam recibo e sub–arrendam as casas mais que uma vez, há já vários anos. Não refere nomes porque a ilegalidade é rentável e tolera mal os delatores. Não quer ter problemas.

Ainda na mercearia, o proprietário relata casos de quartos em vãos de escada, a preços estabelecidos entre os 15 e os 20 mil escudos e diz que é prática corrente o limite semanal de banhos

Duas estudantes de Letras, recém–chegadas à cidade, afirmam ter visto quartos que chegavam a ter buracos e cujo arrendamento se fixava na ordem dos 30 contos. Só depois de algum tempo à procura conseguiram arranjar quarto na alta. "Quando vimos este já não procurámos mais", afirmam. Uma outra aluna, finalista, recorda um quarto que viu junto à Secretaria Geral: - "Era um salão enorme que se dividia em quartos duplos e individuais por meio de cortinas que iam do tecto até ao chão. Não tinhamos direito a usar a cozinha e o mais engraçado era que só podiamos lavar a roupa num tanque, com água que saía da máquina de lavar roupa da senhoria."

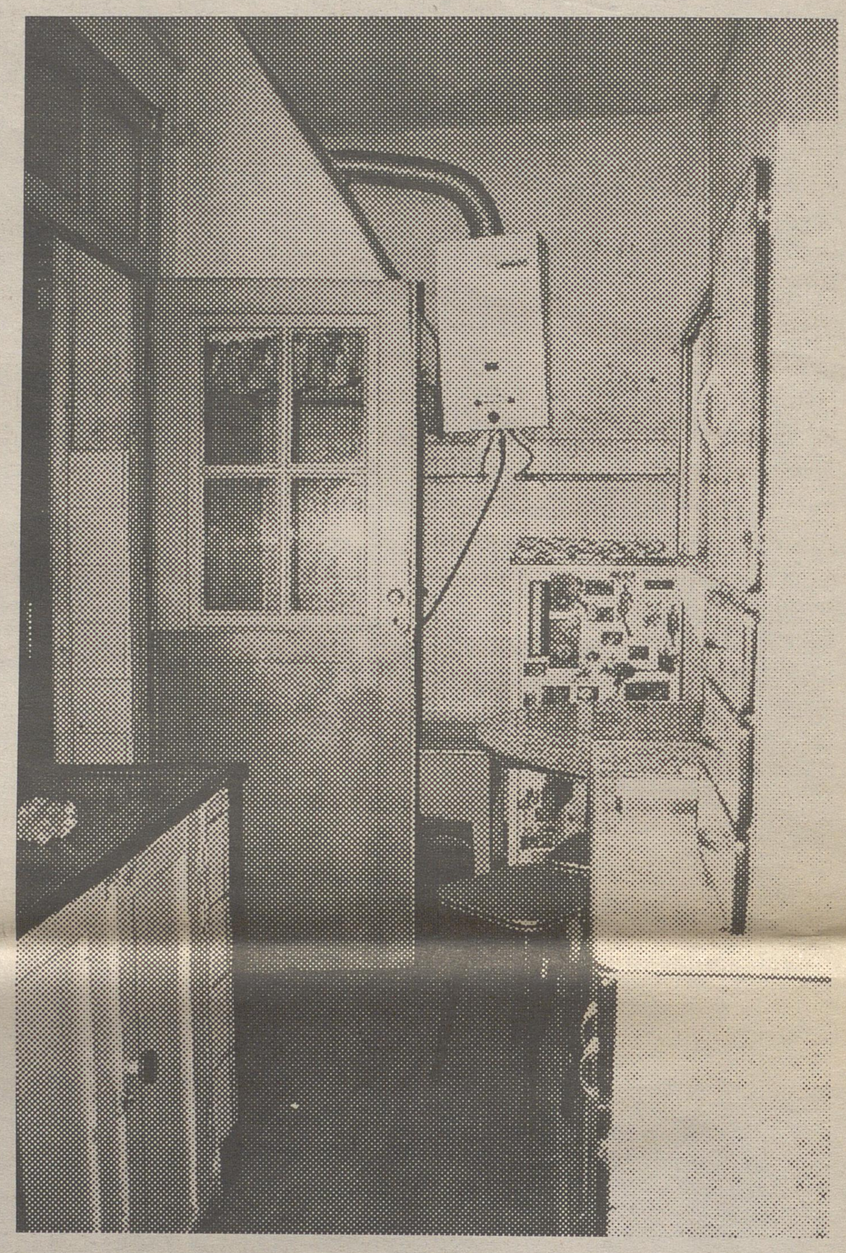
Na conhecida tasca do Sr. Pinto a conversa repete–se e as conclusões são as mesmas:- "Quase nenhuma casa aqui à volta tem condições, mas todas pedem muito dinheiro", diz o proprietário. A boa localização parece justificar os preços altos. Mais à frente, um outro comerciante esclarece que os estudantes que estão em situações muito más só permanecem por um ano: "Vão–se aguentando para não estarem a mudar a meio das aulas mas depois vão–se embora a correr".

De forma diferente pensa um senhorio desta zona. Comenta que ninguém é obrigado a ficar onde não quer:- "Eu só como aquilo de que gosto. Não aceito tudo o que me dão. Se não gostar vou–me embora. Isso dos caloiros serem explorados por quartos miseráveis já era. Isso é papo furado. Hoje os caloiros vem com os paizinhos que até lhes compram apartamento em Coimbra, se for preciso. Já não lhes serve qualquer coisa!"

Neste ponto a opinião é generalizada. Cada vez mais os estudantes preferem viver em apartamentos independentes. Os abusos de confiança de alguns senhorios não são bem tolerados. Uma aluna do quarto ano de História lembra o caso de uma senhoria conflituosa e verbalmente ofensiva. Sabe–se de um outro caso de uma estudante que chegou para fazer os exames e que tinha os seus pertences empilhados e o quarto em obras.

Pelo contrário, muitas vezes o zelo dos senhorios é extremado. O Sr. Guerra, proprietário de uma casa de estudantes "com alvará e licença" tem nove meninas a viver em sua casa e faz questão de que nehuma delas leve para dentro de portas o respectivo namorado.- "Tive que mandar uma rapariga embora por causa disso. Há aí casas que é uma pouca vergonha. Aqui não. Não tolero isso!" De resto, nunca teve problemas. A polícia já lhe bateu à porta mas por outras razões. "Queriam que eu dissesse quais as casas que estão ilegais mas eu nunca disse nada".

Para muitos estudantes a alta de Coimbra é uma das zonas de maior especulação imobiliária. Para muitos senhorios é um modo de vida.



Melhores condições, maiores rendas

Noutras zonas da cidade, as condições de habitação melhoram mas os preços também aumentam. Celas é considerada por muitos estudantes uma área privilegiada da cidade até porque fica próxima de outros núcleos da Universidade de Coimbra como a Faculdade de Economia, a Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e o Instituto Superior Miguel Torga.

Uma aluna deste último estabelecimento de ensino, a viver à poucos meses nesta zona, trocou a anterior habitação por uma casa melhor e uma mais proveitosa localização. Reconhece que o valor que agora paga é bastante mais elevado mas acha justa a relação entre qualidade e custo. Comprovativos do contrato de arrendamento não recebe. A uma outra estudante passam recibos mas o custo do imóvel faz com que procure actualmente uma outra habitação mais em conta.

Celas e Olivais são zonas centrais, com boas condições mas inevitavelmente mais caras. O preço por um quarto individual num T3 independente anda à volta dos 26/30 mil escudos. Os quartos duplos com serventia de cozinha e com boas comodidades fixam–se pelos 20 mil escudos.

Junto ao Continente, um quarto individual em apartamento novo, mobilado e com boas regalias como sejam frigorífico a estrear e lareira, custa 40 mil escudos. A cinco minutos do Pólo II, os preços estabelecidos para um quarto individual, mobilado, andam à volta dos 30 contos. Um quarto duplo custa cerca de 25 mil escudos.

Uma outra solução cada vez mais procurada por quem vem estudar para Coimbra é a compra de apartamentos. Por norma, os estudantes que o fazem arranjam pessoas que partilhem com elas o imóvel. O dinheiro que recebem acaba por amortizar o custo dos juros do empréstimo bancário. Findo o curso, o imóvel está normalmente valorizado.

A solução mais antiga



As 27 Repúblicas existentes em Coimbra recebem o apoio dos Serviços de Acção Social a Universidade que paga 52% da alimentação e contribui com electrodomésticos que são distribuídos consoante as necessidades das casas e as decisões do Conselho de Repúblicas.

As rendas pagas são muito baixas, sendo a maior parte anteriores ao 25 de Abril. A constituição de uma República era feita às escondidas do senhorio. Pela lei das Repúblicas, um contrato de arrendamento celebrado entre determinado estudante e o senhorio deve continuar válido para os restantes estudantes que vivam na casa, quando o primeiro sair, o que derroga a regra geral que obriga à saída de todos. As Repúblicas, estão, assim, protegidas, tanto neste aspecto como no da proibição de aumento das rendas.

As Repúblicas podem ser masculinas, femininas ou mistas, de que se seguem exemplos. A República Farol das Ilhas é uma República masculina, fundada em 1962 e constituída, preferencialmente, por madeirenses. Situada próximo do João Ratão, é identificada por uma vaca de gesso na varanda. Esta República tem 9 quartos e, presentemente, vivem lá 7 pessoas. Há, portanto, 2 vagas para caloiros que tenham espírito de grupo, bom humor e gostem de borga. Os caloiros (caloiro do 1º ano ou caloiro na casa) têm, primeiro, que passar por um período de experiência de, aproximadamente, um mês, sendo a sua admissão (bem como quaisquer outras decisões referentes à casa) tomada sempre por unanimidade. Não escaparão, porém, a alguns baldes de água colocados por cima da porta ou a lavarem a louça de todos (apesar se haver empregada) mas poderão viver num ambiente ímpar de convívio e tradição que Coimbra tão bem sabe oferecer. As despesas (renda, água, luz, telefone) são divididas entre todos, não atingindo os 20 contos por mês. Também as tarefas são repartidas: um paga a renda, outro a luz, etc.

A República Rosa do Luxemburgo é feminina e foi fundada em 1972 na casa que inicialmente foi a sede da República Rápo–Tácho. O nome Rosa do Luxemburgo é uma homenagem a comunista alemã perseguida. Esta República tem por característica ser anti–praxe e denomina–se mesmo como "a alternativa", repudiando o facto de aos caloiros ser imposta a tradição sem que tenham a oportunidade de qualquer escolha, por não conhecerem o outro lado. A República tem 3 quartos duplos e 2 individuais, contando, presentemente com 7 pessoas mais 7 comensais. Existe, portanto, uma vaga que pode ser preenchida por uma amiga da casa ou não, bastando a vontade de integrar o grupo. As caloiras têm, antes de passar a residentes, que começar primeiro por serem comensais, realizando as refeições na República durante um período de experiência para se ambientarem. As decisões são também aqui, sempre tomadas por unanimidade. As despesas mensais perfazem, arredondadamente os 20 contos.

Cada casa tem as suas especificidades, embora com muito em comum com as outras. Festejam o seu Centenário todos os anos, já que viver um ano numa Repúblia equivale a 100 anos de vida. Ao fim de 10 anos, festeja–se o Milenário. São grandes festas onde se reencontram as gerações de antigos repúblicos, amigos da casa e membros de outras Repúblicas.

O ponto de vista institucional

Luzio Vaz é o director dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC). É por isso também o principal responsável pela política de habitação estudantil. Do seu ponto de vista, a resolução do problema da habitação passa também pelas iniciativas dos estudantes.

A Cabra: *Como é que classifica as condições que as nove residências existentes oferecem aos estudantes?*

Luzio Vaz: Dentro daquilo que é habitual na Europa, considero–as razoáveis. Há quem defenda que o ideal seria existirem quartos individuais, com casa–de–banho privativa. Essa é também, de certo modo, a minha opinião. Mas há um inconveniente: o facto de serem dois estudantes num quarto possibilita um maior convívio, uma entreajuda entre os dois e desenvolve o espírito de camaradagem, o que não acontece num quarto individual que, embora tenha melhores condições logísticas, favorece o individualismo.

C: *Quantas pessoas albergam as residências existentes?*

LV: Temos apenas 800 camas. Está em construção uma residência no Pólo II, com mais 120 camas e que estará pronta dentro de um ano.

As nossas residências alojam normalmente 60, 80 ou 100 indivíduos, mas esse não é o conceito de residência que eu considero ideal. A residência nunca devia ter mais do que 15 ou 20 pessoas, tal como as Repúblicas. Estas valem pelo espírito de solidariedade que desenvolvem, porque as pessoas saem dos seus lares, mas precisam de viver em família. O ideal é desenvolver pequenas comunidades onde seja possível partilhar os momentos de alegria, de tristeza, de angústia, de stress.

C: *Mas esse tipo de residências, com 10 ou 15 pessoas, não serão muito caras?*

LV: Eu não direi que são caras. O governo é que não está para aí virado, apesar de esta ser a corrente existente na Europa. Em Paris, é frequente os 10 ou 15 estudantes arrendarem apartamentos, em conjunto.

C: *Em Coimbra, num universo de cerca de 20 mil estudantes, há apenas 1000 camas. Pensa que a solução poderá passar pelas iniciativas dos estudantes?*

LV: A solução pode vir quer de cooperativas, quer de comunidades universitárias.

C: *O que é preciso para os estudantes constituírem uma casa comunitária?*

LV: Tecnicamente um grupo de estudantes faz uma associação de facto, ainda que sem personalidade jurídica, e faz um arrendamento.

C: *Quais as vantagens?*

LV: As vantagens são o apoio através de subsídios. Os SASUC pagam 52% sobre os géneros, desde que os estudantes provem que almoçam e jantam em casa. Apoiamos também a compra de frigoríficos, de fogões, de equipamentos domésticos que não sejam de luxo. É uma forma indirecta de apoiar o alojamento estudantil.

C: *Tem ideia de quantas comunidades universitárias existem?*

LV: Existem sete ou oito. E há algumas em formação. Há até uma que é formada por estrangeiros, só com dois portugueses. É um grupo de cerca de 12 estudantes, rapazes e raparigas, onde em cada dia um cozinha um prato típico do seu país. É uma troca de culturas que enriquece a personalidade dos jovens.

C: *Em Coimbra não há a tradição de campus universitários...*

LV: Eu sou contra isso. O estudante universitário não tem que estar desligado do tecido social, tem que estar junto da cidade, junto da papelaria, do campo de futebol, do cinema, da taberna, junto das pessoas.

C: *São frequentes as queixas dos elevados preços das rendas em Coimbra. Tem noção das condições e dos preços oferecidos pela cidade?*

LV: Tenho. Neste momento as rendas são livres. Mas no tempo de D. Dinis eram dois taxadores e dois seculares que diziam quais eram os preços praticados no arrendamento estudantil. Hoje em dia, não há nada a fazer. A lei permite que, seja o inquilino, seja o dono da casa, tenham, em regime doméstico, três estudantes, sem pagar qualquer imposto por isso. Só acima de três estudantes, é que os senhorios são obrigados a fazer uma colecta nas finanças como indústria de alojamento.

C: *Mas o que acontece é que a maior parte dos senhorios arrendam casas a mais de três pessoas e não passam recibo...*

LV: Se o monarca, há 700 anos, tinha a preocupação de nomear taxadores que iam fiscalizar e fixar os preços, hoje competia às finanças fazer uma investigação séria para ver como é que isso se encontra.

C: *Já falou de algumas medidas para melhorar a habitação, mas há algum plano de acção?*

LV: Há o plano oficial que temos de levar a bom termo. Estamos a construir uma residência no Pólo II e há planos para mais cinco. Há depois o plano mais caseiro, que é o apoio sistemático às Repúblicas, às comunidades universitárias, às cooperativas, mas a iniciativa tem que partir da Academia. Por exemplo, logo que a Cooperativa de Habitação arranque, os SASUC apoiarão com géneros e alguns subsídios.

Hugo Daniel Sousa

A solução do estado

Nas 10 Residências de Coimbra podem viver os estudantes bolseiros, tanto com bolsa atribuída pelos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, como por entidades diferentes mas que reúnam as condições exigidas pelos S.A.S., como acontece com estudantes estrangeiros ao abrigo dum protocolo com a Fundação Calouste Gulbenkian e estudantes provenientes de países da Comunidade Europeia numa relação de intercâmbio entre Universidades.

O concurso a alojamento é feito em simultâneo com o concurso a bolsa de estudo, uma vez por ano. Mesmo que o pedido seja rejeitado nesse ano, os estudantes devem voltar a tentar, o que não costuma acontecer, desistindo as pessoas na primeira tentativa. A atribuição de alojamento exige uma selecção de candidaturas, considerando–se nesta análise a situação sócio–económica do concorrente e a distância do agregado familiar.

A Residência Universitária António José de Almeida, por exemplo, tem 12 quartos duplos, rapazes de um lado e raparigas do outro. A mensalidade é de 6.450$00, o que apenas exclui a alimentação e os telefonemas que cada um fizer. A Universidade participa, tal como nas outras Residências, com mobiliário, electrodomésticos e roupa de cama. Cada Residência dispõe de uma sala de convívio e cozinha que permite ao estudante confeccionar pequenas refeições.

O objectivo é, tal como nas Repúblicas, promover o convívio, o espírito de solidariedade e a troca de culturas.

Os estudantes perderão o direito a alojamento se perderem a bolsa, o que acontecerá se chumbarem mais de dois anos, não realizando em cada um deles mais de 40% das cadeiras.

Maria Luis Marinho

Constituição das "repúblicas dos dias de hoje" continua parada

A solução adiada

O problema é complicado, a solução é simples e eficaz. Os estudantes reúnem–se numa cooperativa, a banca faz o empréstimo, o prédio é comprado e o preço dos quartos passa para os 10 contos mês. O ministro considera a ideia "genial" mas a verdade é que o projecto está parado no seu gabinete desde 1997.

Nascida no seio dos estudantes do Conselho Directivo da FCTUC, a ideia de uma cooperativa de habitação estudantil em Coimbra tem–se vindo a debater com a intrasigência das instituições bancárias em emprestar a quantia necessária à taxa de juro pretendida. Para que a ideia resulte é necessário que o empréstimo seja feito a 4 ou 5%, juro considerado demasiado baixo, pelos bancos, para um "investimento de risco"

Quer o Dr Luzio Vaz, director dos Serviços Sociais da UC, quer Rui Nunes, o presidente da Cooperativa de habitação, não têm dúvidas de que bastaria uma contribuição inicial por parte do ministério para que os bancos mudassem a sua postura. Para o director–geral dos SASUC, entidade que sempre apoiou a ideia, um empréstimo ou subsídio governamental na ordem dos 20, 30 000 contos "seria um óptimo pontapé de saida" para a compra de um prédio que albergasse 20 ou 30 estudantes. Estimada em 60 000 contos, a verba inicial seria muito mais fácil de adquirir se os bancos apenas se tivessem que responsabilizar por metade. O Dr. Luzio Vaz lembra que "os sociais não podem legalmente dar esses subsídios, podem sim, depois, acompanhar a gestão correcta das casas, respeitando a autonomia da cooperativa".

"Incompreensível" é como o presidente da cooperativa classifica o papel de Marçal Grilo no desenvolvimento de todo o projecto. "Fiquei chocado quando o vi na televisão dizer que considerava a ideia óptima sabendo que tem o nosso projecto no seu gabinete há mais de um ano e não faz nada para o desbloquear", conta. "Apenas um aval do governo pode fazer com que a Caixa Geral de Depósitos nos empreste dinheiro à taxa de que necessitamos", lembra Rui Nunes. Admite, porém, já não insistir junto do secretário de estado da educação e ter abandonado o carácter de preserverância com que caracterizou a sua condução dos destinos da Cooperativa no começo. "Tem havido algúma disconexão entre o grupo de pessoas que compõem a direcção da cooperativa, pelo que tenho sido só eu a correr atrás das pessoas, estou farto" desabafa.

"Fiquei chocado quando o vi na televisão dizer que considerava a ideia óptima sabendo que tem o nosso projecto no seu gabinete há mais de um ano e não faz nada para o desbloquear"

O presidente da Cooperativa mostra–se, também, muito agastado com a actuação da Câmara Municipal de quem esperava uma ajuda mais próxima daquela que é conferida às cooperativas normais de habitação. Rui Nunes lembra que dos contactos estabelecidos com o Dr. Henrique Fernandes, na altura o vereador responsável pelo parque habitacional conimbricense, resultaram apenas "ofertas de vendas de prédios na alta da cidade a preços iguais aos do mercado em Coimbra, ou seja, completamente inflacionados". Mais desiludido se mostra ainda quando afirma que, ao não ajudar a cooperativa, "a câmara perdeu a oportunidade de ver a restauração de algumas casas na alta concretizada". O plano de acção da cooperativa passava inicialmente pela compra e restauro de algumas casas "mas a longo prazo a construção seria o ideal", afirma Rui Nunes.

Uma das grandes vantagens da constituição das "repúblicas dos dias de hoje" seria, segundo o presidente da Cooperativa, a ajuda que as rendas de 10 contos por quarto dariam a um abrandar da inflação louca de preços verificada no arrendamento estudantil em Coimbra. Os próprios níveis de qualidade teriam que aumentar.

Adeodato Valente Pinto

As contas do projecto

Segundo os projectos elaborados, há um ano, pela Cooperativa, para enviar ao ministro, seria possível que cada quarto individual custasse apenas 11 contos mês por estudante nas casas da cooperativa. A divisão das prestações do empréstimo pelos 20 ou 30 estudantes que viveriam na casa permitiria amortizar o empréstimo num período de 20 anos, ao preço de 10 contos o quarto. Isto caso o empréstimo fosse bonificado e à taxa de 4%. Os 1000 escudos que se cobrariam a mais permitiriam pagar as despesas correntes da casa. A partir da amortização total do empréstimo o dinheiro pago pelos estudantes serviria para a Cooperativa adquirir novos prédios e assim consecutivamente.

Cronologia de uma ideia arrastada

1996

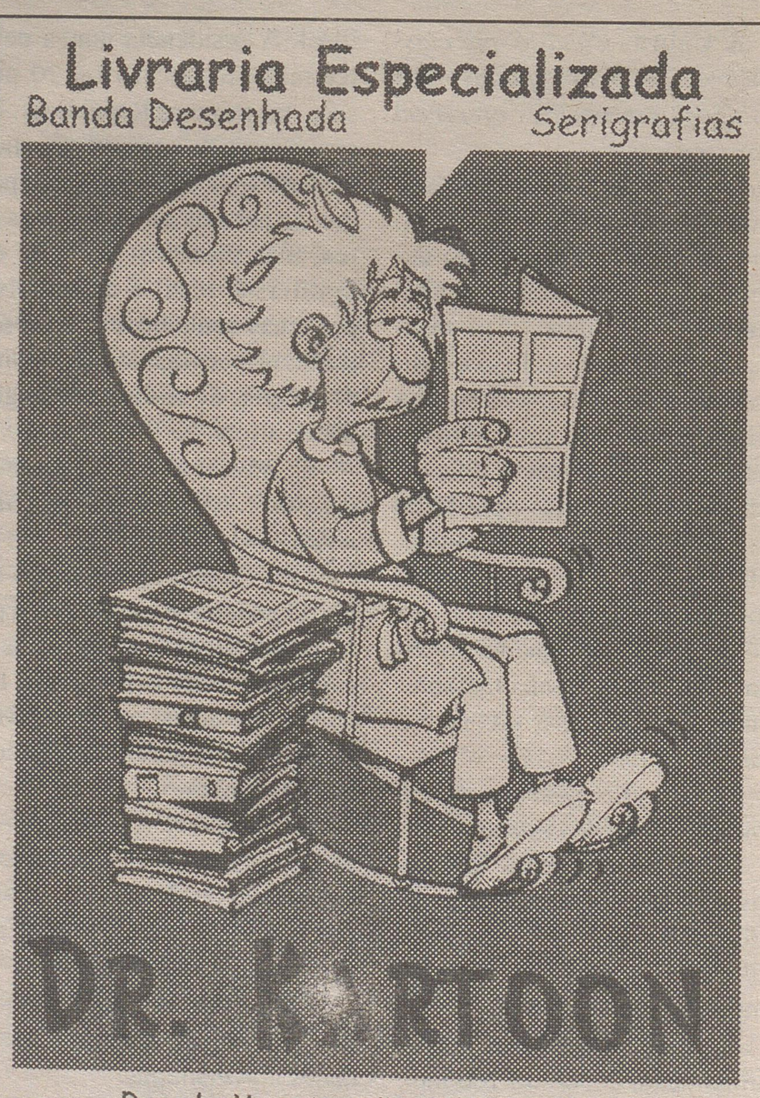
Outubro - Os estatutos da associação são publicados em Diário de República. A cooperativa está legalmente criada.

1997

- Início dos contactos com as bancas. Recusas de empréstimos de banco em banco. Ninguém, nem a Caixa Geral de Depósitos, confia num "investimento de risco"
- Contactos com a Câmara Municipal de Coimbra. "Ofertas de venda de casas com preços exorbitantes" é, segundo o presidente da Cooperativa de Habitação, a única ajuda oferecida por Henrique Fernandes, vereador da edilidade.
- Com as expectativas goradas, os cooperantes viram–se para os grupos parlamentares e, em último recurso para o Ministério. Um projecto de viabilidade económica é enviado, a pedido do Gabinete do ministro, para Lisboa.

1998

- Após insistência de Rui Nunes, o presidente da cooperativa, o Secretário de Estado da educação garante que a ideia já se encontra com Marçal Grilo para desenvolver
- Durante o verão e numa visita a Viana do Castelo, o Ministro da educação congratula–se pela solução "ideal" conseguida pelos estudantes de Lisboa, para o problema do arrendamento estudantil. Segundo Marçal Grilo, uma cooperativa de habitação estudantil arrancaria, na capital, nos mesmos moldes em que já tinha arrancado em Coimbra.
- Com o ínicio do ano lectivo os cooperantes mantém–se, um ano depois, à espera de um contacto do ministério para desbloquear a verba necessária para o começo do projecto. Após as declarações de Marçal Grilo a situação mantém–se inalterada, mas da cooperativa também não se vê grande actividade para tentar desbloquear a situação.



Revolução em 99 ?

Considerando o movimento de contestação à LFES o maior desde o 25 de Abril de 74, os dirigentes associativos, reunidos em Coimbra, afirmaram estar dispostos a tudo fazer para se concretizar a reforma profunda do ensino superior português prometida há muito pelo governo.

Durante os dias 3,4 e 5 de Outubro realizou–se mais um Encontro Nacional de Direcções Associativas, que prometia vir reacender a contestação a Marçal Grilo e às suas políticas, aproveitando o facto de 1999 ser ano eleitoral. Afinal, poucas novidades foram dadas a conhecer. Continuando a cometer os mesmos erros do passado, foram muitas as Associações, não só do Ensino Público, mas também do Particular e do Politécnico, que marcaram presença neste encontro apenas à procura de protagonismo. Foram mais construtivos e interessantes os "debates" nos bastidores do que a maior parte das intervenções feitas no anfiteatro da Faculdade de Economia. Um exemplo bastante elucidativo do que atrás foi referido, passou–se na madrugada do dia 5, quando se discutia o "Financiamento do Ensino Superior". O presidente da Associação Académica de Lisboa pediu a palavra, começando logo por criticar a estratégia seguida pelo movimento associativo no último ano, apresentando como alternativa o diálogo regular com o Ministério, dando mais relevância à concertação do que à contestação. "Atacando tudo e todos", principalmente as outras congéneres da capital, o que no final se retira do discurso de Rui Godinho é que, na sua opinião, foi apenas a AAL que realmente conseguiu levar a cabo acções que tiveram êxito junto da opinião pública e dos partidos políticos.



Em termos de propostas concretas, António Silva (AAC) e Ricardo Almeida (FAP) apresentaram soluções semelhantes, defendendo a realização de uma grande manifestação até ao final do ano civil e a paralisação do ensino superior no dia da votação na Assembleia da República do Orçamento de Estado. Apesar de ambos concordarem que as formas de luta internamente as iniciativas irão ser diferentes. Enquanto a FAP vai optar por uma consulta escrita aos seus estudantes, isto é, um referendo contendo duas ou três perguntas, a Associação Académica de Coimbra irá realizar pelo menos duas Assembleias Magnas, a primeira no dia 20 de Outubro, sendo a outra, provavelmente, logo a seguir à "Latada", com o intuito de ouvir a opinião dos estudantes sobre as posições a tomar e de lhes propor o adiamento das eleições para a Direcção–Geral.

A AAC aposta forte na mobilização, aproveitando o período da recepção aos caloiros para elucidar os que têm dúvidas, e explicar aos novos colegas as razões desta contestação. A este respeito Tó Silva acredita que "os universitários vão estar unidos, em força, contra Marçal Grilo", sugerindo, pela primeira vez, ao Ministro da Educação que se demita. "A visão dele para o ensino superior é incompatível com a nossa", afirma este dirigente, acrescentando ainda que o actual titular da pasta da Educação "perdeu a autoridade para continuar na próxima legislatura à frente do ensino superior".

A surpresa deste ENDA, ou talvez não, saíu da boca do presidente da Associação Académica da Universidade dos Açores, que se mostrou solidário com a contestação a Marçal Grilo, invertendo assim radicalmente a posição sempre assumida publicamente, de apoio à Lei de Financiamento do Ensino Superior. "Acreditei no Ministro, tenho pena ... enganei–me, afinal a Universidade dos Açores vai sofrer um corte orçamental de cerca de 130 mil contos", explicou desta maneira Paulo Silva a sua posição.

No último dia, ao longo de 14 horas ininterruptas, foram tomadas as mais importantes decisões, sendo as mais relevantes a eleição para o CNASES de Tiago da FCSH e Ângela Seixas da FLUP, a eleição de Ricardo Almeida para o CNE, e a aprovação da moção de estratégia proposta pela AAC e Federação Académica do Porto, entre outras, que se traduz basicamente na intensificação da contestação a nível nacional já em Novembro e Dezembro, com a realização de acções de âmbito local e nacional (campanhas de sensibilização, greves, manifestações).

Pedro Silva

174 milhões de contos para o Ensino Superior

Os números da discórdia

As Associações de Estudantes e o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas criticam duramente a dotação para o Ensino Superior no próximo Orçamento de Estado. O Ministério não concorda e fala num aumento significativo.

174 milhões de contos é a dotação prevista para o Ensino Superior no Orçamento de Estado de 1999, um aumento de 18 milhões de contos face a 1998. Estes valores, que não incluem as verbas do Quadro Comunitário de Apoio à Intervenção Operacional de Educação, o chamado PRODEP, nem as propinas, correspondem a um aumento superior à inflacção média esperada mas nem por isso deixam os agentes educativos satisfeitos.

O Ministério da Educação fala em aumento significativo e realça a aposta no Ensino Politécnico, o maior beneficiário, em termos relativos, com este aumento de verbas, tendência que vem do ano transacto. Trata–se de uma aposta política que resulta do aumento do número de alunos neste sub–sistema e da fortíssima implantação regional de que goza. Marçal Grilo destaca também o aumento da dotação da Acção Social Escolar que será de 10,6%.

A reacção do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas foi cautelosa. Júlio Pedrosa, o seu presidente, em declarações ao jornal Público, afirmou que este aumento permite às universidades "funcionarem bem".

Contudo continuam latentes as críticas formuladas por deste organismo em carta dirigida ao ministro em 6 de Agosto último a propósito do incumprimento, por parte do governo, da fórmula de financiamento das Universidades acordada em 1993. Em termos muito genéricos esta fórmula leva em conta além das necessidades financeiras que proporcionem às Universidades um funcionamento normal, a correcção das distorções que existiam face ao sub–financiamento verificado em anos anteriores. Essa correcção verifica–se mediante um índice pré–definido que, em 1999, deveria ser de 0.55. Ora, o aumento deste ano, não só não cumpre este índice, como não leva em conta o aumento do número de estudantes a frequentar as universidades o que, segundo o CRUP, não leva em conta as graves assimetrias que ainda subsistem no sistema e poderá inviabilizar as condições para avançar para uma qualidade média aceitável em termos europeus.

PROPINAS PAGAM DESPESAS DE FUNCIONAMETO

A persistência desta situação, que se traduz, na prática, numa diminuição das verbas ao dispor das Universidades, levou já alguns reitores a afirmar publicamente que as verbas das propinas estão a ser usadas para pagar algumas despesas correntes de funcionamento e não a servir para um incremento da qualidade de ensino, como pretende a nova Lei de Financiamento. Trata–se de uma situação que tem merecido críticas veementes das Associações de Estudantes (o CRUP não se pronuncia porque considera que esse é um problema interno das universidades), e que reforça a sua posição de oposição à existência desta taxa. O último Encontro Nacional de Direcções Associativas debruçou–se sobre este problema (ver texto neste jornal), em particular sobre o que chama "desresponsabilização do Estado no financiamento do ensino superior".

Brevemente terá lugar uma reunião entre os reitores e o ministro da educação que se irá debruçar, entre outras coisas, sobre o já referido índice e sobre o modelo de gestão das instituições. Espera–se então que os reitores façam sentir as suas preocupações e que o ministério as leve em conta. Portanto... o diálogo prossegue.

Tiago Maranhão



Ficha Técnica

Directores: Adeodato Valente Pinto, Fernando Nunes

Edição: Eduardo Brito, Nuno Curado, Tiago Maranhão, Susana Ribeiro

Director Gráfico: Nuno Curado

Paginação: Nuno Curado

Redacção: Andreia Gouveia, Bruno Ferreira,Hugo Daniel Sousa, Hugo Ferreira,João Melo Alvim, Manuel Pereira, Maria Luis Marinho, Pedro Silva, Rosário Salvado, Susana Cerqueira, Susana Ribeiro

Colaboradores: José Carlos Santos, Raquel Correia

Fotografia: Eduardo Brito, Susana Ribeiro

Ilustrações: Carlos Inverno Pereira

Impressão: Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares

Produção: Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira

Telefone/Fax: (039) 821554

Agradecimentos: Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Editorial

Não é função de um editorial versar sobre assuntos internos de um jornal. Antes pelo contrário, a tarefa de escrever um editorial implica uma análise e uma opinião sobre um determinado tipo de actualidade que se destaca na feitura de um periódico. Contudo, estas linhas que se escrevem formam uma excepção ao próprio critério editorial e, quem sabe, confirmam a regra.

O número 40 de "A Cabra" assume–se claramente como um número especial. Para além de marcar o pós férias e exames de Setembro, marca também a materialização de um sonho, de um novo rumo deste jornal.

Ganha que está a regularidade mensal, há muito almejada, um novo desafio se coloca, no horizonte de novos objectivos propostos. Com efeito, este número de regresso assinala o começo da quinzenalidade de "A Cabra", correspondendo assim a uma procura de se melhorar e actualizar o que já foi feito e contribuir para uma mudança positiva a médio e longo prazo. Para além deste desafio da quinzenalidade, foram feitas alterações a nível de imagem gráfica, alterações essas que não se ficam pelo visível, mas que irão, por certo, chegar mais longe, com a consolidação da quinzenalidade. É nosso propósito rever a forma e o conteúdo do jornal, numa tentativa esperançada em fazer de "A Cabra" um jornal melhor, mais abrangente, mais cativante. Para isso, desenvolver–se–ão, continuadamente, esforços no sentido de tornar "A Cabra" mais incisiva, jornalística e (im)pertinente. Começa agora uma nova era.

O mês de Outubro será assim o mês em que "A Cabra" trabalhará com empenho na prossecução gradual de um projecto e na construção calma e ordenada de um sonho. Porque queremos e gostamos de sonhar com um jornal melhor. Por agora, as apresentações estão feitas. Por cá, resta–nos esperar por resultados, ou seja, pelo prazer que o leitor terá com este jornal.

Eduardo Santos Brito

Cartas à Cabra

A Cabra dá voz aos teus protestos. Escreve e entrega os textos na nossa sala no edifício da AAC, ou envia-os para: Secção de Jornalismo, rua Padre António Vieira nº1, 3000 Coimbra.

Os textos devem ter no máximo uma página A4 dactilografada (ou em linguagem multimédia 2500 caracteres).

Senhoria dá espectáculo de rua

Se as noites de Coimbra nos podem oferecer alguma coisa para além de uns quantos espectáculos no ilustre Gil Vicente, numa sala de cinema ou mesmo aoa ar livre, a calama e atranquilidade de um bom passeio depois do jantar e do café tem também a sua razão de ser. Foi isso que fiz numa destas segundas–feiras. Jantei numa das cantinas universitárias desta cidade, tomei café no Cartola, atravessei a Sereia e subi os dois lanços de escadas que dão para a Rua Pedro Monteiro e foi então que assisti a um espectáculo de rua. Apercebi–me de que alguém, um estudante universitário soube-o mais tarde, acartava para uma viatura estacionada em frente de uma grande casa côr–de–rosa alguns livros, roupa de cama, uma televisão e outros objectos pessoais. Tinha todo o jeito de ser uma mudança. Mas aquelas horas? Era quase meia–noitee não estavamos em final do mês, algo de estranho se passava! Pois bem, fiquei por ali e o que vim a saber deixou–me de boca aberta, é história de fazer pasmar qualquer um!

Empenhadas no transporte dos haveres do estudante andavam para além deste três pessoas: a própria senhoria da casa do nº74 da Rua Pedro Monteiro e um casal de meia idade que havia por esta sido chamado para servir de testemunha não sei bem ao certo de quê. Discutia–se pouco apesar do notório ambiente de cortar à faca.

Ao que parece a senhoria da casa tem já na zona a fama do seu mau feitio e desrespeito com que trata os inquilinos, isto acompanhado de misteriosos acontecimentos que magicamente fazem desaparecer objectos a quem tem o prazer de na vida gozar do "acolhedor ambiente dos sumptuosos aposentos de suas casas estudantis". Raramente dá a chave dos quartos aos inquilinos no princípio da estadia, chegando mesmo em alguns casos a nunca o fazer.Os contadores disparam contra todos os mais elementares princípios eléctricos com dois televisores ligados na mesma fase. Devem ser três ou quatro para onze quartos onde podem viver 15 ou 16 pessoas. Não convém que esteja toda a gente em casa à mesma hora porque bastam mesmo as lâmpadas para fazer disparar o quadro de trinta em trinta segundos. Aquecedores nem vê–los, nem ligados, que lá se vai o quadro, nem desligados que por magia vão parar a casa da senhoria com a humilde desculpa: "Parecia–me que não precisava dele e trouxe-o". Mas quem fala em aquecedores pode falar em selos das viaturas, recentemente adquiridos, chinelos, livros, já sem contar as lâmpadas que naquela como em todas as suas casas arrendadas têm dons de evaporamento. Nada mais de 25 ou 40 velas que somos terra de sol e o dia tem vinte e quatro horas, é preciso é saber aproveitar porque até nos corredores não há luz e por muitas lâmpadas que os estudantes comprem desaparecem.

Em casas de tal ambiente tudo é efémero e arrepiantemente passageiro. Ele é os objectos dos quartos e da cozinha, do chão, dos candeeiros, ou do frigorífico, ele é os cheques do pagamento da renda que se espera ser feito pelo menos um mês antes sem qualquer recibo ou contrato de arrendamento, ele é agora os inquilinos que parecem não terem mais paciência e têm deixado as casas vazias com menos objectos mas cheios de sucessivos pedidos de cauções por isto ou aquilo, de madrugadas interrompidas com furtuitas entradas nos quartos ou de insultos e tratamentos que não lembram nem ao diabo.

Foi algo do género que se passou só que desta vez a vergonha da senhoria foi tanta que chegou a vias de facto com quem lhe pedia que se procurasse averiguar do desaparecimento dos seus objectos antes do pagamento da renda. Não se tivesse o estudante sentido satisfeito com três ou quatro arranhadelas e meia dúzia de baixos insultos para pegar nas restantes coisinhas e se vir embora sem antes deixar de apresentar queixa no posto de polícia e o caso poderia ter acabado bem pior.

Enquanto houver senhorios destes numa cidade feita de e para os estudantes que têm no arrendamento a possibilidade do seu primeiro alojamento da vida fica a sua fomação maracada pelo instinto explorador de que são vítimas pelo menos durante cinco anos. Sem recibo nada há para descontar no I.R.S.É que pagar para estudar em Coimbra o m2 dos quartos, alguns quase ao mesmo preço dos apartamentos de férias na baía de Cascais é obra, faz pensar, dá dores de cabeça e muito dinhero a muita boa gente.

Um transeunte
Rui Pedro Alexandre

Assembleia Magna 20 de Outubro 21h30m Teatro Paulo Quintela

Bate e foge

3 e 4 de Outubro foram dias negros para a equipa de Baseball da Associação Académica de Coimbra ao perder, no Estádio Municipal, por 11-4 com o Baseball Clube Tigres de Loulé, a hipótese de se tornar tri–campeã nacional da modalidade.

Com dois reforços vindos da Venezulea, Loulé impôs um novo ritmo aos jogos e derrotou a Académica nos dois encontros necessários para assegurar o campeonato. As condições climatéricas também não ajudaram, antes pelo contrário a chuva que insistia em cair prejudicou sobremaneira as prestações das duas equipas.

Bi–campeã nacional (conquistando os dois primeiros campeonatos portugueses) e vencedora da 1ª Taca de Portugal de Baseball em 1997, a Académica está a passar por um período de franca evolução, acompanhando o próprio progresso deste desporto no nosso país. O Baseball, apesar de pouco conhecido, ou melhor reconhecido, a nível nacional é uma modalidade bastante atractiva e o seu campeonato é disputado por nove equipas dispersas por todo o país passando pelo Porto, Gaia, Coimbra, Lisboa e Loulé.

Foi introduzido em Portugal por influência estrangeira, principalmente através de grupos de jovens imigrantes oriundos de países em que o Baseball goza de grande popularidade.



Em Coimbra, apesar de serem a 1ª e única equipa de Baseball da cidade desde 1989, os Black Tigers, devido ao facto de a maior parte dos seus atletas serem estudantes universitários, fizeram um pedido de adesão à Direcção–Geral da Associação Académica, que tendo sido aceite permitiu o seu reconhecimento como pró–secção em 1994.

Formaram–se árbitros, anotadores e treinadores, realizaram–se vários torneios mas só em 1996 e após grandes êxitos desportivos e organizativos a DG e o Conselho Desportivo da AAC reconheceram a pro–secção como secção efectiva. Hoje a secção conta com três escalões de competição: sénior masculino e feminino; e o escalão de formação na variante de cadetes; tendo ao todo cerca de 56 atletas.

Apesar das dificuldades financeiras, da deficiente condição das infra–estruturas desportivas e administrativas e da falta de material desportivo foi a primeira secção na história da AAC que participou numa competição de clubes campeões europeus. Este grande acontecimento veio de certa forma premiar o desenvolvimento desta modalidade em Coimbra e em todo o país, assim como todo o trabalho desenvolvido ao longo destes últimos nove anos e mesmo sem terem chegado a um dos lugares cimeiros só a participação é sinal da qualidade dos jogadores e do Baseball que é praticado.

Um dos principais obectivos desta secção é, inevitavelmente, aumentar o número de praticantes e enfrentar um dos seus principais problemas: a fraca adesão do público aos seus jogos, principalmente por não ser um jogo com regras de fácil compreensão.

Susana Cerqueira

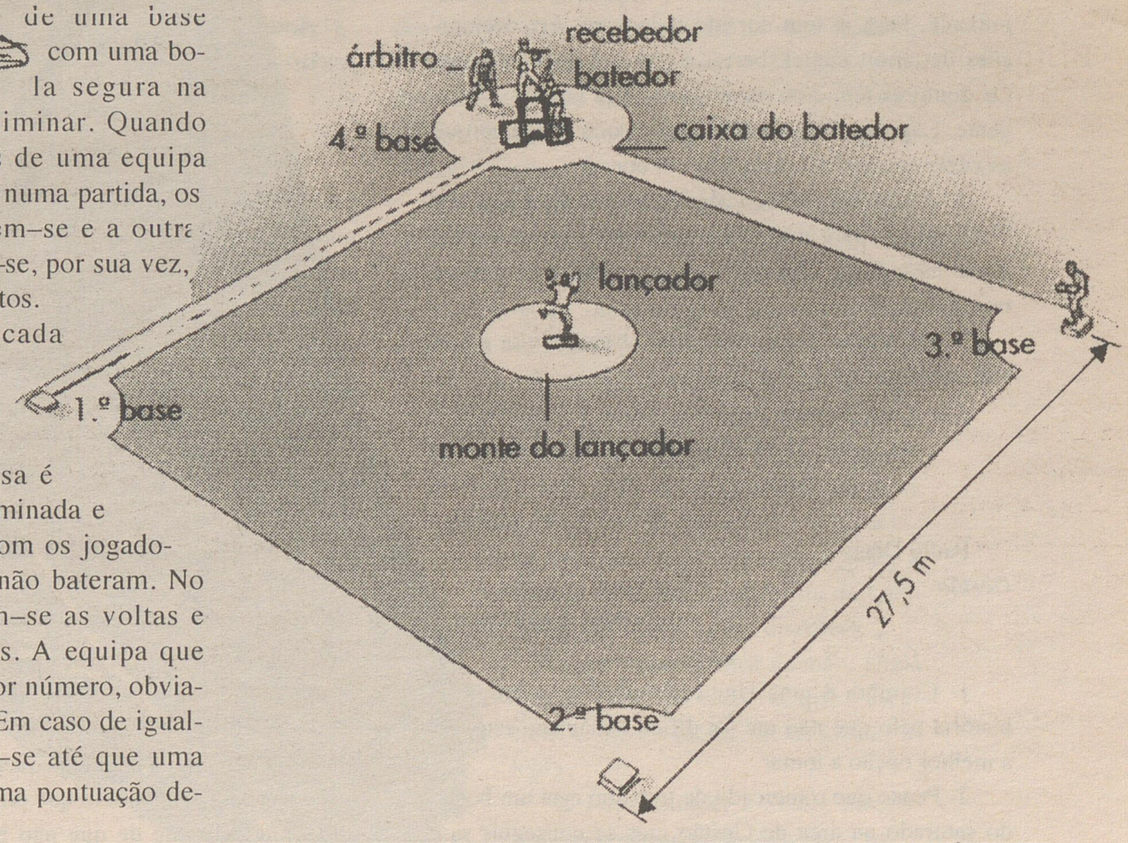
O Jogo jogado

É jogado por duas equipas de 9 jogadores em 9 partidas consecutivas cada uma constituida por duas fases correspondentes ao ataque e defesa de cada formação. Quando é a vez de uma equipa marcar pontos, os jogadores desta entram em campo um a um para a sua tentativa. Os da equipa adversária estão espalhados por toda a área de jogo, na qual um ângulo está ocupado por um quadrado de 27,50m de lado, chamado "diamante".

O batedor para marcar um ponto deve completar uma volta ao "diamante". Para tal terá três tentativas de acertar na bola. Quando o conseguir deve correr até à primeira base antes que os defensores façam a bola rebatida chegar ao elemento da sua equipa que se encontra nessa base. O batedor pode tentar dar a volta de uma só vez (o chamado "home run") ou parar em cada base. Neste último caso haverá novo lançamento de bola para um novo batedor e o antigo tentará completar a volta ou chegar à proxima base. Uma equipa não pode ter, portanto, mais que três corredores em percurso e não mais que um em cada base.

Se a bola é colhida em voo por um adversário ou mesmo se, apanhada, chega antes dele à base nº1, seu refúgio e sua primeira etapa, o jogador perdeu: é posto for a. Se, pelo contrário, atingiu a primeira base, corre de seguida de uma base para a outra, com riscos, pois basta que um adversário lhe toque fora de uma base com uma bola segura na mão para o eliminar. Quando três jogadores de uma equipa são eliminados numa partida, os papéis invertem–se e a outra equipa esforça–se, por sua vez, por marcar pontos.

Logo que cada equipa tenha atacado e defendido numa partida essa é dada como terminada e recomeça–se com os jogadores que ainda não bateram. No final totalizam–se as voltas e não as partidas. A equipa que conta com maior número, obviamente, ganha. Em caso de igualdade continua–se até que uma partida, com uma pontuação desigual, decida.



Queres escrever notícias expresso para um público independente
Vem saltar conosco...

Curso de formação de escrita jornalística

O Curso tem limite de 15 inscrições e começa no início de Novembro.
Mais informações : Secção de Jornalismo da AAC, Rua Padre António Vieira nº1 Tel. : 821554

Aos que chegaram

A chegada dos caloiros é sempre um "happening" quer se goste ou se desgoste das actividades praxísticas. A cidade enche-se de olhares de espanto e de deslumbre com os caloiros a sentir o primeiro pulsar de uma vida "quase" independente. Os que já cá estavam enfeitam-se para receber a lufada de ar fresco e introduzem os primeiro -anistas nas lides académicas. É o nosso dever.

Os caloiros são incondicionalmente as figuras do mês. José Carlos Santos, caloiro na academia e no jornal, misturou-se nos ares do Pratas e de outros locais de presença obrigatória nestes primeiros meses de estadia, e ouviu directamente deles aquilo que sentem. Cinco perguntas directas a cada um:

1 - Porque escolheste a Universidade de Coimbra?

2 - Que expectativas tens relativamente ao curso?

3 - O que estás a achar da praxe?

4 - Como está a decorrer a tua integração em Coimbra?

5 - Qual o teu melhor momento até agora?

Na outra página uma enumeração de palavras que vos acompanharão durante os próximos anos.

Duas páginas aos que chegaram depois de nós.

Joana

Golegã

Direito

1- Em primeiro lugar porque sempre idealizei vir para Coimbra, pelo ambiente, pela própria cidade que é muito bonita e muito saudável, muito verde.

2- Já sei que o curso é um bocadinho massudo, muito exigente e impessoal, mas é o curso que eu quero tirar. Espero com ele vir a entrar para a magistratura, para delegada do ministério público.

3- A praxe quando não é em demasia e é pensada não entra em coisas parvas, o que a torna muito gira. Tornava-se incaracterístico vir para aqui e não se ser praxada. Para já tem corrido tudo bem. Fiz declarações de amor, cantei, berrei e joguei bilhar humano. Os doutores têm-nos tratado bem e já conheci muita gente. Logo se vê quais são aqueles que ficam porque às vezes as aparências iludem um bocado.

4- Ainda só conheço alguns pontos de Coimbra. Terei tempo para me aperceber dos locais que mais gosto na cidade. Até agora a integração tem corrido muito bem.

5- Há muitos momentos altos. Nesta altura ainda não consegui selecionar um.

Paulo Dias

Gestão

Proença-a-Velha

1- Coimbra é uma Universidade com prestigio e história pelo que não me foi díficil achar que esta era a melhor opção a tomar.

2- Penso que o mercado de trabalho está um bocado saturado na área de Gestão mas se conseguir sair com boas notas espero obter logo uma colocação.

3- A praxe em Coimbra é espectacular. Excepto uma brincadeira que não gostei muito, o resto tem corrido bem. Gostei, essencialmente, das praxes que incluiram caloiras.

4- Está a correr bem até porque eu tenho cá um irmão do 2ºano. Já cá tinha vindo duas vezes mas pouco conhecia. A integração aqui é uma coisa fácil.

5- EStive cá pouco tempo mas para já a noite e a camaradagem são presenças constantes nos momentos de que mais gostei.

Andreia Rafael

Porto

Jornalismo

1- Coimbra é, antes de mais, uma cidade belíssima com um calor humano surpreendente. As pessoas são hiper-simpáticas. Além disso a UC é uma universidade centenária que tem muito para dar. Mas também é verdade que para este curso só tinha média para entrar aqui.

2- À partida realizar-me pessoalmente com o curso. Não é um curso que nos prenda muito, possibilita-nos imensas saídas, imensos contactos, enfim, permite-me desenvolver com o desenvolvimento dos outros, estar em permanente agitação.

3- Ainda não fui realmente praxada. Já conheci algumas pessoas do 2o ano, julgo eu, que nos estavam a tentar "integrar", mas por enquanto tenho-me esquivado. A praxe quando bem orientada pode ser agradável e, internamente, possibilita-nos conhecer pessoas novas, o que nos ajuda a sentirmo-nos menos fora de casa. Quando se vem de longe é extremamente importante ser bem recebido e sentir receptividade da parte das pessoas que já cá estão há mais tempo.

4- Estou cá há pouco tempo mas pelo que sei as pessoas são muito amáveis, pelo menos as que conheci. A cidade é linda e sobretudo inspiradora.

5- O melhor momento é sempre aquele que está para vir agora o pior foi na terça-feira, foi um dia azarento. Quando cheguei ao apartamento a chave não abria o que me provocou algum cansaço para resolver o problema.

André

Aveiro

Matemática

1- Escolhi a Universidade de Coimbra porque dentro do curso que eu quero a universidade tem algum prestígio, o que me dá confiança para as saídas profissionais.

2- Ainda estou um pouco indeciso, não sei se irei optar pela vertente de ensino se pela vertente de matemática pura. Depende da minha adaptação, das minhas notas e do mercado.

3- A praxe no meu departamento está a ser uma boa forma de integração. Estou a gostar dos moldes em que está a ser feita.

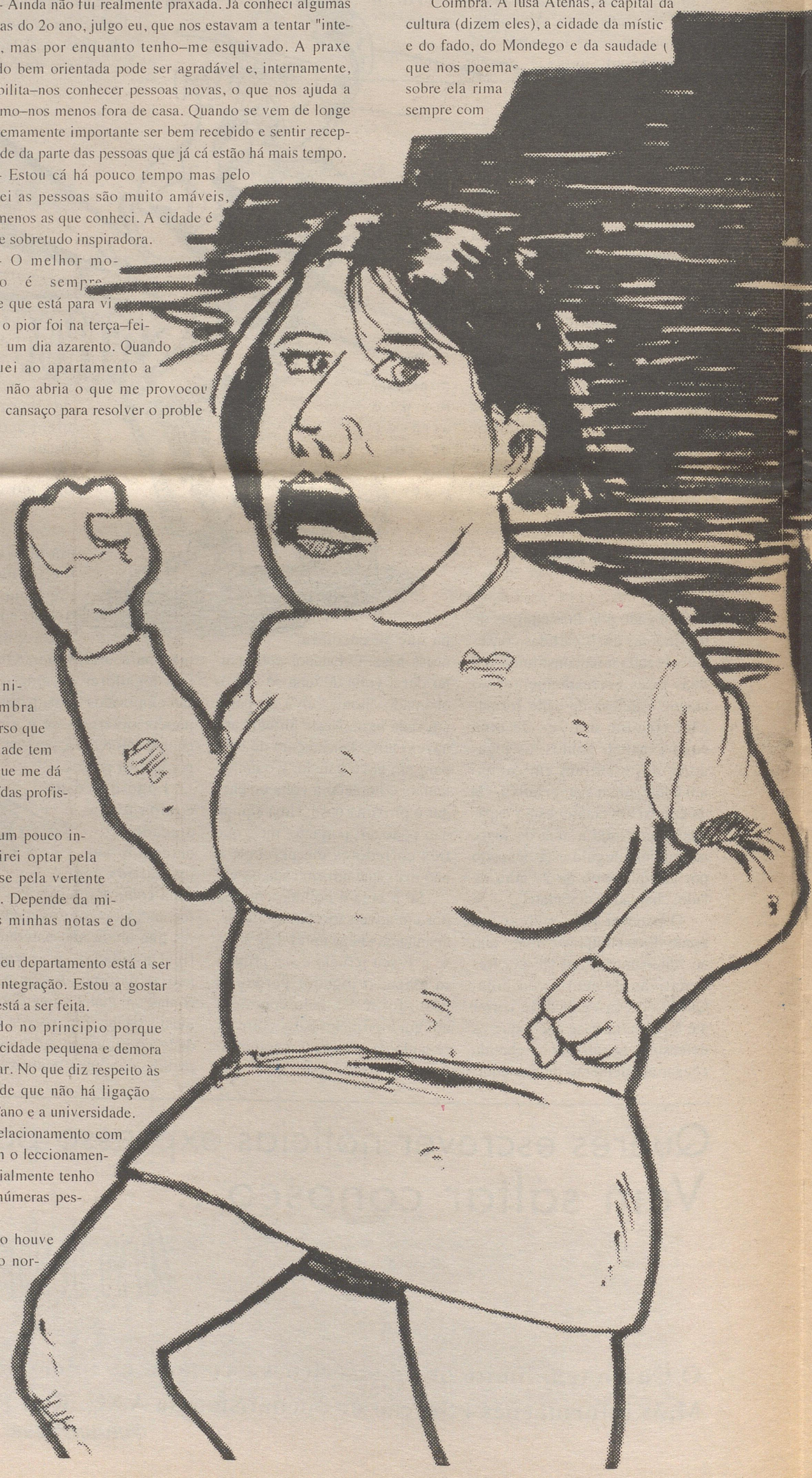
4- É complicado no principio porque Coimbra não é uma cidade pequena e demora o seu tempo a adaptar. No que diz respeito às aulas apercebi-me de que não há ligação nenhuma entre o 12ºano e a universidade. Há um choque no relacionamento com os professores e com o leccionamento das matérias. Socialmente tenho estado a conhecer inúmeras pessoas.

5- Até agora não houve nada que fugisse ao normal.

Associação Académica de Coimbra (AAC). Criada em 3 de Novembro de 1887 (n. da r. um ano antes dos crimes de Jack o Estripador na misteriosa Whitechapel londrina...), a AAC assume-se como espaço de liberdade, como ponto de confluência de opiniões, de culturas e de convívio. Espaço privilegiado de criação, realização e intervenção estudantil, é, sem exagero, o expoente máximo da expressão cultural dos estudantes. É para todos um motivo de grande orgulho.

Briosa! Briosa! Gritam em desespero os milhares de tiffosi que se deslocam ao Calhabé para apoiar uma equipa em constante tem-te e não caias. Esperemos nós que não.

Coimbra. A lusa Atenas, a capital da cultura (dizem eles), a cidade da mística e do fado, do Mondego e da saudade (que nos poemas sobre ela rima sempre com eternidade ceira do p nium. Co



n depois de nós

e), a cidade convicta que ainda é a ter-
país, teve como nome originário Aemi-
ontudo, teses recentes e bem regadas
avançam com a tese da ocupa-
ção saxónica, onde Coimbra se-
ria conhecida como o burgo da
raínha, daí derivando o nome
e Queenborough.

Direcção Geral (Dê Gê). O quartel general da AAC é a sua direcção geral. O órgão máximo executivo la nossa academia é por muitos considerado como uma boa escola política.) que é certo é que is-

mas é um verdadeiro pulmão acdémico. Secções e actividades é o que não faltam neste edificio com um leque variado de actividades que convivem no mesmo espaço e onde se pode coleccionar selos (Filatelia), aprender a cozinhar bacalhau de 100 maneiras diferentes (Culinária), descobrir como se fabrica papel reciclado (Grupo Ecológico), ver filmes (CEC), fazer teatro (CITAC e TEUC), dançar e pesquisar (GEFAC), etc

Fernando Manuel da Silva Rebelo é o Reitor da mais antiga universidade portuguesa. Sucedendo a Rui de Alarcão, o catedrático de Geografia Física foi eleito para o cargo em Maio de 1998, numas eleições disputadíssimas. Conta cinquenta e cinco anos de idade, é natural de Espinho.

Gabinete de Apoio ao Estudante (GAPE). Como o nome indica, apoia–te em áreas como a preven-

do a Universidade de Coimbra foi criada por bula papal sob a designação de Estudos Gerais. Suspeita–se, contudo que já funcionava desde 1288. Saltitando entre Coimbra e Lisboa, fixou–se definitivamente nesta cidade em 1537.

Inventada pode parecer esta estória. Um professor vai com os seus alunos em viagem até ao Norte. São estudantes prestes a entrar para a universidade. Já os dois autocarros vão em Coimbra. Pergunta o professor, qual o nome do rio que acabaram de de atravessar e que banha Coimbra. Nem um único aluno soube o nome do Mondego. Esta, jurámos nós, não é uma estória inventada.

Jornal Universitário de Coimbra, vulgo A Cabra. Conta com cerca de doze anos de actividade. É um jornal (agora) quinzenal. Em relação à sua linguagem o jornal cacteriza–se pela preocupação de respeitar as regras do bom senso e do bom gosto (escrever em bom português e não ser insultuoso nem mesquinho) sucedendo por vezes os seus escritos saírem com erros ou gralhas porquanto este jornal apresentar uma redacção bastante jovem e em fase de aprendizagem jornalística.

K e Batina. Caso não se saiba, os caloiros podem usá–la, ao contrário do que defendem muitos e mal informados doutores. Para mais informações leia–se o Código da Praxe.

Latada, recebem–se os caloiros e quem cá está sobe um degrau na praxe, com a imposição das insignias. Treino

Queima, mas mais descontraído porque não há exames em Novembro. Os abstémios convertem–se e as cervejeiras agradecem. Nem a IURD faria melhor.

Magna, Assembleia. Espectáculo quase circense que ocorre várias vezes ao ano. Teoricamente é o orgão soberano da Academia, mas na prática se aparecerem 600 alunos dos 20000 da Academia é muito.As decisões (dizem eles) são vinculativas. Ideal para quem gosta de exercitar os seus dotes vocais... a substância dos discursos não interessa muito, aquele que berrar mais impropérios recebe mais aplausos.

Nome Próprio. Com as actividades praxísticas, em breve te esquecerás dele. As alcunhas mandam. Aqui ficam algumas das mais hilariantes: Borras, Galgas, Bola Branca, Cámone, Sex Machine, DJ Coma, Nhónhó, etc e tal.

Núcleos. A micro regionalização académica.

Orgasmos. Situações perfeitamente normais, atingindo níveis dignos de Guiness na Queima.

Pratas, o ponto de referência da praxe. Absolutamente obrigatório para qualquer estudante (e não estudioso). Imperdível o traçadinho e as guitarradas na companhia afável do Sr. Prata e da Dona Ana.

Queima: a semana de autogestão desta academia. Todos os Maios maduros no parque

Repúblicas. Outros dos emblemas de Coimbra. São casas de estudantes geridas e dirigidas democraticamente pelos próprios.

Rádio Universidade de Coimbra. Pode ser ouvida nos 107.9 FM e é aquilo que se convencionou chamar uma rádio para uma imensa minoria. Minoritária ou não é imperdível para os amantes de música de qualidade, para os amantes de música diferente.

Serviços Médico Sociais. Uma das ramificações dos irrepreensíveis e meritórios Serviços de Acção Social (os melhores do país). Situados no edifício em frente às escadas Monumentais.

Teatro. A produção e formação de actividades teatrais são parte integrante da vida académica coimbrã. Para isso existem o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) e o CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra).

Universidade. Diz o Documento Precioso, assinado por D. Dinis em 1 de Março de 1290, o seguinte: "*Scientiae thesaurus mirabilis qui dum plus dispergitur incrementum maioris suscipit ubertatis mundum spiritualiter et temporaliter dignoscitur illustrare*". Interessante, não?

Via Latina. Começa por ser o nome do corredor central do edifício da Reitoria (Paço das Escolas). Para além de ser também nome de revista, é provável que já tenhas ouvido a estória da caloira que se interrogava sobre a viabilidade de se fazer a serenata da Latada dentro de uma pequena discoteca...

Wagner. Compositor alemão. Dizia Woody Allen que cada vez que o escutava lhe dava vontade de invadir a Polónia.

X Files. Mulder e Scully investigam as contas da Queima das Fitas...

Yupee!!! O abecedário está no fim.

Zidane. Académica/OAF faz proposta irrecusável. Juventus considera.

AVP, EB, FN, JMA

Aos que chegaram depois de nós

A chegada dos caloiros é sempre um "happening" quer se goste ou se desgoste das actividades praxísticas. A cidade enche-se de olhares de espanto e de deslumbre com os caloiros a sentir o primeiro pulsar de uma vida "quase" independente. Os que já cá estavam enfeitam-se para receber a lufada de ar fresco e introduzem os primeiro -anistas nas lides académicas. É o nosso dever.

Os caloiros são incondicionalmente as figuras do mês. José Carlos Santos, caloiro na academia e no jornal, misturou-se nos ares do Pratas e de outros locais de presença obrigatória nestes primeiros meses de estadia, e ouviu directamente deles aquilo que sentem. Cinco perguntas directas a cada um:

1 - Porque escolheste a Universidade de Coimbra?

2 - Que expectativas tens relativamente ao curso?

3 - O que estás a achar da praxe?

4 - Como está a decorrer a tua integração em Coimbra?

5 - Qual o teu melhor momento até agora?

Na outra página uma enumeração de palavras que vos acompanharão durante os próximos anos.

Duas páginas aos que chegaram depois de nós.

Joana

Golegã

Direito

1- Em primeiro lugar porque sempre idealizei vir para Coimbra, pelo ambiente, pela própria cidade que é muito bonita e muito saudável, muito verde.

2- Já sei que o curso é um bocadinho massudo, muito exigente e impessoal, mas é o curso que eu quero tirar. Espero com ele vir a entrar para a magistratura, para delegada do ministério público.

3- A praxe quando não é em demasia e é pensada não entra em coisas parvas, o que a torna muito gira. Tornava–se incaracterístico vir para aqui e não se ser praxada. Para já tem corrido tudo bem. Fiz declarações de amor, cantei, berrei e joguei bilhar humano. Os doutores têm–nos tratado bem e já conheci muita gente. Logo se vê quais são aqueles que ficam porque às vezes as aparências iludem um bocado.

4- Ainda só conheço alguns pontos de Coimbra. Terei tempo para me aperceber dos locais que mais gosto na cidade. Até agora a integração tem corrido muito bem.

5- Há muitos momentos altos. Nesta altura ainda não consegui selecionar um.

Paulo Dias

Gestão

Proença–a–Velha

1- Coimbra é uma Universidade com prestígio e história pelo que não me foi difícil achar que esta era a melhor opção a tomar.

2- Penso que o mercado de trabalho está um bocado saturado na área de Gestão mas se conseguir sair com boas notas espero obter logo uma colocação.

3- A praxe em Coimbra é espectacular. Excepto uma brincadeira que não gostei muito, o resto tem corrido bem. Gostei, essencialmente, das praxes que incluiram caloiras.

4- Está a correr bem até porque eu tenho cá um irmão do 2ºano. Já cá tinha vindo duas vezes mas pouco conhecia. A integração aqui é uma coisa fácil.

5- EStive cá pouco tempo mas para já a noite e a camaradagem são presenças constantes nos momentos de que mais gostei.

Andreia Rafael

Porto

Jornalismo

1- Coimbra é, antes de mais, uma cidade belíssima com um calor humano surpreendente. As pessoas são hiper–simpáticas. Além disso a UC é uma universidade centenária que tem muito para dar. Mas também é verdade que para este curso só tinha média para entrar aqui.

2- À partida realizar–me pessoalmente com o curso. Não é um curso que nos prenda muito, possibilita–nos imensas saídas, imensos contactos, enfim, permite–me desenvolver com o desenvolvimento dos outros, estar em permanente agitação.

3- Ainda não fui realmente praxada. Já conheci algumas pessoas do 2o ano, julgo eu, que nos estavam a tentar "integrar", mas por enquanto tenho–me esquivado. A praxe quando bem orientada pode ser agradável e, internamente, possibilita–nos conhecer pessoas novas, o que nos ajuda a sentirmo–nos menos fora de casa. Quando se vem de longe é extremamente importante ser bem recebido e sentir receptividade da parte das pessoas que já cá estão há mais tempo.

4- Estou cá há pouco tempo mas pelo que sei as pessoas são muito amáveis, pelo menos as que conheci. A cidade é linda e sobretudo inspiradora.

5- O melhor momento é sempre aquele que está para vir agora o pior foi na terça–feira, foi um dia azarento. Quando cheguei ao apartamento a chave não abria o que me provocou algum cansaço para resolver o problema.

André

Aveiro

Matemática

1- Escolhi a Universidade de Coimbra porque dentro do curso que eu quero a universidade tem algum prestígio, o que me dá confiança para as saídas profissionais.

2- Ainda estou um pouco indeciso, não sei se irei optar pela vertente de ensino se pela vertente de matemática pura. Depende da minha adaptação, das minhas notas e do mercado.

3- A praxe no meu departamento está a ser uma boa forma de integração. Estou a gostar dos moldes em que está a ser feita.

4- É complicado no principio porque Coimbra não é uma cidade pequena e demora o seu tempo a adaptar. No que diz respeito às aulas apercebi–me de que não há ligação nenhuma entre o 12ºano e a universidade. Há um choque no relacionamento com os professores e com o leccionamento das matérias. Socialmente tenho estado a conhecer inúmeras pessoas.

5- Até agora não houve nada que fugisse ao normal.



Associação Académica de Coimbra (AAC). Criada em 3 de Novembro de 1887 (n. da r. um ano antes dos crimes de Jack o Estripador na misteriosa Whitechapel londrina...), a AAC assume–se como espaço de liberdade, como ponto de confluência de opiniões, de culturas e de convívio. Espaço privilegiado de criação, realização e intervenção estudantil, é, sem exagero, o expoente máximo da expressão cultural dos estudantes. É para todos um motivo de grande orgulho.

Briosa! Briosa! Gritam em desespero os milhares de tiffosi que se deslocam ao Calhabé para apoiar uma equipa em constante tem–te e não caias. Esperemos nós que não.

Coimbra. A lusa Atenas, a capital da cultura (dizem eles), a cidade da mística e do fado, do Mondego e da saudade (que nos poemas sobre ela rima sempre com eternidade), a cidade convicta que ainda é a terceira do país, teve como nome originário Aeminium. Contudo, teses recentes e bem regadas avançam com a tese da ocupação saxónica, onde Coimbra seria conhecida como o burgo da rainha, daí derivando o nome e Queenborough.

Direcção Geral (Dê Gê). O quartel general da AAC é a sua direcção geral. O órgão máximo executivo da nossa academia é por muitos considerado como uma boa escola política. O que é certo é que ismas é um verdadeiro pulmão acdémico. Secções e actividades é o que não faltam neste edificio com um leque variado de actividades que convivem no mesmo espaço e onde se pode coleccionar selos (Filatelia), aprender a cozinhar bacalhau de 100 maneiras diferentes (Culinária), descobrir como se fabrica papel reciclado (Grupo Ecológico), ver filmes (CEC), fazer teatro (CITAC e TEUC), dançar e pesquisar (GEFAC), etc

Fernando Manuel da Silva Rebelo é o Reitor da mais antiga universidade portuguesa. Sucedendo a Rui de Alarcão, o catedrático de Geografia Física foi eleito para o cargo em Maio de 1998, numas eleições disputadíssimas. Conta cinquenta e cinco anos de idade, é natural de Espinho.

Gabinete de Apoio ao Estudante (GAPE). Como o nome indica, apoia–te em áreas como a preven-

do a Universidade de Coimbra foi criada por bula papal sob a designação de Estudos Gerais. Suspeita–se, contudo que já funcionava desde 1288. Saltitando entre Coimbra e Lisboa, fixou–se definitivamente nesta cidade em 1537.

Inventada pode parecer esta estória. Um professor vai com os seus alunos em viagem até ao Norte. São estudantes prestes a entrar para a universidade. Já os dois autocarros vão em Coimbra. Pergunta o professor, qual o nome do rio que acabaram de atravessar e que banha Coimbra. Nem um único aluno soube o nome do Mondego. Esta, jurámos nós, não é uma estória inventada.

Jornal Universitário de Coimbra, vulgo A Cabra. Conta com cerca de doze anos de actividade. É um jornal (agora) quinzenal. Em relação à sua linguagem o jornal cacteriza–se pela preocupação de respeitar as regras do bom senso e do bom gosto (escrever em bom português e não ser insultuoso nem mesquinho) sucedendo por vezes os seus escritos saírem com erros ou gralhas porquanto este jornal apresentar uma redacção bastante jovem e em fase de aprendizagem jornalística.

Ke Batina. Caso não se saiba, os caloiros podem usá–la, ao contrário do que defendem muitos e mal informados doutores. Para mais informações leia–se o Código da Praxe.

Latada, recebem–se os caloiros e quem cá está sobe um degrau na praxe, com a imposição das insignias. Treino

Queima, mas mais descontraído porque não há exames em Novembro. Os abstémios convertem–se e as cervejeiras agradecem. Nem a IURD faria melhor.

Magna, Assembleia. Espectáculo quase circense que ocorre várias vezes ao ano. Teoricamente é o orgão soberano da Academia, mas na prática se aparecerem 600 alunos dos 20000 da Academia é muito.As decisões (dizem eles) são vinculativas. Ideal para quem gosta de exercitar os seus dotes vocais... a substância dos discursos não interessa muito, aquele que berrar mais impropérios recebe mais aplausos.

Nome Próprio. Com as actividades praxísticas, em breve te esquecerás dele. As alcunhas mandam. Aqui ficam algumas das mais hilariantes: Borras, Galgas, Bola Branca, Cámone, Sex Machine, DJ Coma, Nhónhó, etc e tal.

Núcleos. A micro regionalização académica.

Orgasmos. Situações perfeitamente normais, atingindo níveis dignos de Guinness na Queima.

Pratas, o ponto de referência da praxe. Absolutamente obrigatório para qualquer estudante (e não estudioso). Imperdível o traçadinho e as guitarradas na companhia afável do Sr. Prata e da Dona Ana.

Queima: a semana de autogestão desta academia. Todos os Maios maduros no parque

Repúblicas. Outros dos emblemas de Coimbra. São casas de estudantes geridas e dirigidas democraticamente pelos próprios.

Rádio Universidade de Coimbra. Pode ser ouvida nos 107.9 FM e é aquilo que se convencionou chamar uma rádio para uma imensa minoria. Minoritária ou não é imperdível para os amantes de música de qualidade, para os amantes de música diferente.

Serviços Médico Sociais. Uma das ramificações dos irrepreensíveis e meritórios Serviços de Acção Social (os melhores do país). Situados no edifício em frente às escadas Monumentais.

Teatro. A produção e formação de actividades teatrais são parte integrante da vida académica coimbrã. Para isso existem o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) e o CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra).

Universidade. Diz o Documento Precioso, assinado por D. Dinis em 1 de Março de 1290, o seguinte: "*Scientiae thesaurus mirabilis qui dum plus dispergitur incrementum maioris suscipit ubertatis mundum spiritualiter et temporaliter dignoscitur illustrare*". Interessante, não?

Via Latina. Começa por ser o nome do corredor central do edifício da Reitoria (Paço das Escolas). Para além de ser também nome de revista, é provável que já tenhas ouvido a estória da caloira que se interrogava sobre a viabilidade de se fazer a serenata da Lata da dentro de uma pequena discoteca...

Wagner. Compositor alemão. Dizia Woody Allen que cada vez que o escutava lhe dava vontade de invadir a Polónia.

X Files. Mulder e Scully investigam as contas da Queima das Fitas...

Yupee!!! O abecedário está no fim.

Zidane. Académica/OAF faz proposta irrecusável. Juventus considera.

AVP, EB, FN, JMA

Profª Maria de Fátima Sousa e Silva, a nova pró–reitora para a Cultura, em

"Gostaria de poder vir dar uma

Maria de Fátima Sousa e Silva é professora no Instituto de Estudos Clássicos e a nova pró–reitora para a cultura da Universidade de Coimbra. A docente acaba de coordenar a publicação do livro "Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo", editado pela Colibri e que acaba agora de chegar às livrarias.



A Cabra: O livro "Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo" é um desafio lançado pelo Centro do Drama Grego Antigo e pelo Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Atenas e que agora surge o primeiro inventário. Como é que coordenou a preparação deste livro?

Maria de Fátima Sousa e Silva: Aqui há uns anos houve uma iniciativa da parte da Grécia no sentido de mobilizar os países da Europa e não só para fazerem um inventário de tudo que existia na modernidade sobre representações do teatro grego. Claro que cada representante de cada país deveria assegurar informação relativa ao país que representava. Aqui em Portugal, nós temos aqui em Coimbra, um centro de Estudos Clássicos e Humanísticos que reúne investigadores não apenas desta universidade mas também do Porto e de Aveiro e houve um grupo ligado ao teatro que entendeu mobilizar–se para fazer esse trabalho relativamente a Portugal.

C: Não deve ter sido fácil inicialmente ?

MFS: Claro que em relação a Portugal as coisas são um pouco difíceis porque para além de nós termos uma noção de que não há grande coisa mas que acaba de ser uma noção errada, a verdade é que não há grande coisa organizada. Portanto, há muitas iniciativas de natureza espontânea, normalmente não há grandes arquivos, grandes registos, e portanto, o trabalho deste grupo foi um trabaho de inventariação, eu diria quase de porta a porta...

C: ...ou de companhia em companhia ?

MFS: Tivemos que mandar uma circular a um certo número de companhias e depois um grupo grande de pessoas que nos foram ajudando e que nos foram pondo em contacto com outras pessoas e, portanto, este trabalho dura há já alguns dois anos e tem sido um trabalho feito nesta base. Nós escrevemos, e sempre que necessário deslocámo–nos ao local,contactámos directamente as pessoas e vamos tentando fazer uma recolha desta natureza. Claro que com a consciência de que uma recolha feita assim deixa sempre passar muita coisa. Mas de qualquer forma nós tivemos a preocupação de fazer uma primeira publicação dos resultados, porque se deu também a coincidência da nossa Associação Portuguesa de Estudos Clássicos ter feito um colóquio sobre "A Presença da Cultura Clássica na Cultura Moderna", e era oportuno apresentar estes resultados, mas também eu devo dizer que estes resultados tinham por intenção até suscitar algumas reclamações, ou seja, entidades que não estivessem no nosso inventário mas que tivessem feito coisas clássicas poderiam ser levadas a entrar em contacto connosco. Até agora esse resultado ainda não foi plenamente conseguido, apesar disso já houve de facto algumas pessoas que individualmente tiveram a gentileza de nos dizer que conheciam ainda outras representações e de nos terem mandado outro material. Eu penso que foi útil, mesmo que com alguma precariedade ter lançado este primeiro livro.

C: Para a execução deste livro foi preciso certamente um bom relacionamento com as entidades gregas. Qual é a relação da Grécia moderna com os seus clássicos ?

MFS: Verdadeiramente hoje em dia no mundo grego eu penso que o apreço por esse passado da cultura grega ainda se mantém de uma forma muito viva. Nomeadamente o teatro que todos os anos justifica festivais de verão de muita qualidade e que são apreciados e participados com muitos espectadores nacionais e estrangeiros. Eu penso que a Grécia tem uma consciência muito clara de que o seu peso como país europeu lhe advém essencialmente do que ela representa em termos de cultura. E por isso a Grécia fez já para o seu próprio espólio este trabalho que nós estamos a fazer, ou seja, publicou uma edição geral de todo o teatro grego conservado, volume a volume, e no final de cada volume as representações que cada peça teve na actualidade e que são muitas no mundo grego.

C: Onde é que Coimbra entra concretamente ?

MFS: Esta não é propriamente uma relação com Coimbra, uma relação a dois, pois o que a Grécia fez foi suscitar em diversos países, cerca de vinte, o interesse por se constituir um grupo que se tem candidatado a

"...o trabalho deste grupo foi um trabalho de inventariação, eu diria quase de porta a porta..."

subsídios europeus no sentido de desenvolver um programa que conduza à selecção ou inventariação destes elementos. Claro que havia já um contacto antigo entre a Drª Maria Helena Rocha Pereira e este Centro de Drama Antigo de Atenas que resultava de ela visitar com alguma frequência a Grécia e ter tido conhecimento directo com algumas das pessoas que participavam no centro e, a partir daí dessa relação pessoal, continuamos a aprofundar o nosso relacionamento.

C: A professora acompanhou as representações do teatro clássico ?

MFS: Sim, o que nós aqui temos combinado, uma vez que este grupo que agora formalmente intervém neste trabalho se reparte por diversas àreas do país, nós temos assumido para com os outros um compromisso de procurar ir assistindo dentro da disponiblidade de cada um às representações que existem no sentido de que, ao sermos redactores possíveis de futuras notícias, cada um de nós possa ter uma ideia mais concreta de como o espectáculo foi, por um lado. Por outro lado, o facto de irmos às representações é uma oportunidade de contactar directamente as pessoas e de recolher até algum material.

C: Como é que foi a vossa relação com a representação de "As Troianas" da Escola da Noite ?

MFS: Nós fomos assistir e houve aí para além da nossa qualidade de espectadores um convívio directo com a companhia da Escola da Noite.

C: Muito também pela intervenção directa da Drª Maria Helena Rocha Pereira...

MFS: Ela fez alguma conferências e até na altura dos ensaios a companhia quis -lhe fazer algumas perguntas sobre algumas soluções a adoptar no espectáculo, portanto é o tal convívio entre a parte teórica e a parte prática que seria desejável que se incentivasse no futuro.

C: Este livro congrega 50 anos de representações do Teatro Clássico em Portugal?

MFS: Sim, a ideia foi como o trabalho de pesquisa em relação a este material foi feito sobretudo no terreno, portanto, indo visitar as companhias, procurando recolher material, o nosso recuo foi mais ou menos até aos anos 43, 44, 45 deste século. Agora estamos a pensar fazer uma outra edição, uma segunda edição que teria diversos objectivos. Naturalmente a actualização, entretanto, durante este ano a partir do momento em que o livro saiu já houve bastantes representações novas, há que completar a informação que já demos e que temos consciência que é um bocadinho limitada. E queríamos nessa segunda edição recuar até ao início do século e um pouco mais na previsão de que em edição em edição, recuando sempre algum pouco, nós pudessemos ter ao longo de alguns anos uma cobertura mais completa, relativamente a este material.

C: Quantas pessoas é que teve que coordenar para a organização dos textos ?

MFS: O conjunto de pessoas que colaborou e que são treze no total, são todos eles professores e investigadores na sua maioria da Universidade de Coimbra, e em contrapartida de Aveiro e Porto. Estas pessoas normalmente trabalham com teatro, não propriamente como actores ou mesmo na parte cénica, mas como investigadores.

C: O seu interesse reside nos textos clássicos ou também tem interesse pela actividade teatral que o livro retrata?

MFS: A minha actividade

entrevista à Cabra

colaboração activa à Academia"

profissional é sobretudo um trabalho de estudiosa e de tradutora de textos de teatro. Não tenho qualquer tipo de experiência de teatro, de cena ou material de teatro e penso até que esse é um divórcio que existe tradicionalmente no nosso país. Poucos

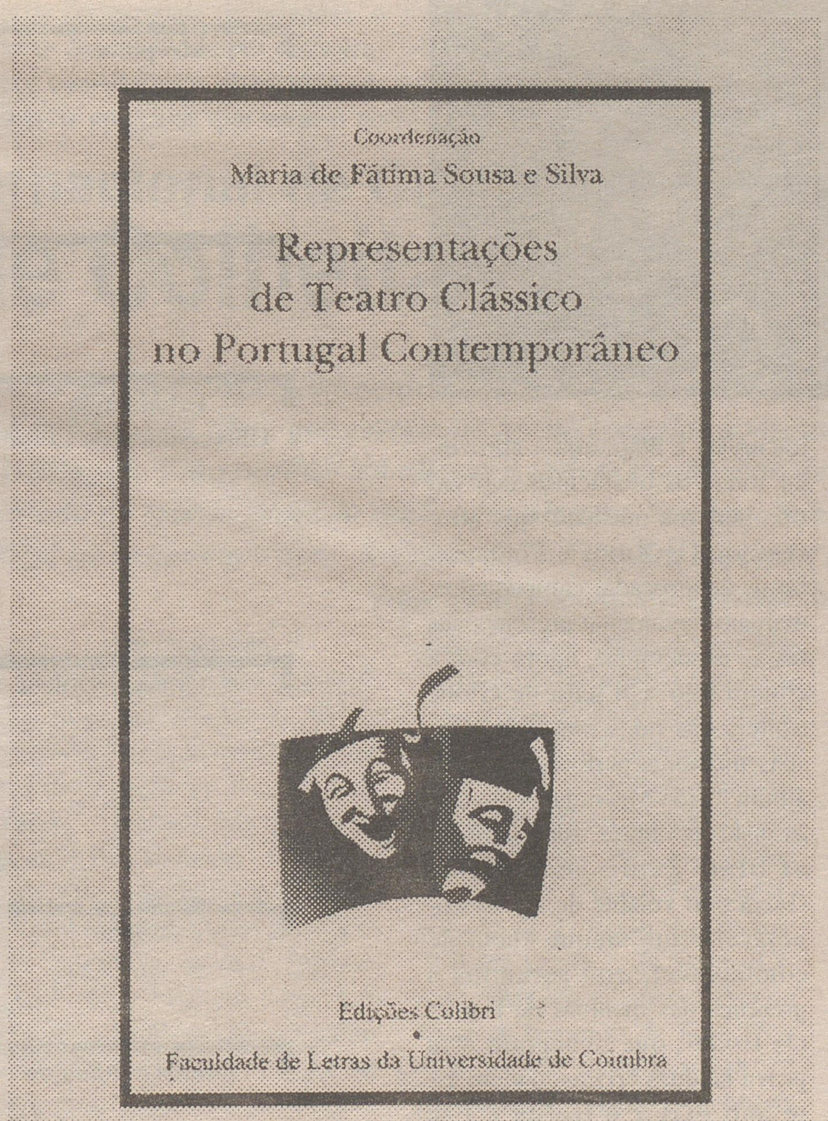
"A minha actividade profissional é sobretudo um trabalho de estudiosa e de tradutora de textos de teatro. Não tenho qualquer tipo de experiência de teatro, de cena ou material de teatro e penso até que esse é um divórcio que existe tradicionalmente no nosso país."

são aqueles que pertencendo a grupos de investigação ou de docência com o teatro também são ao mesmo tempo actuantes na parte material do teatro e isso é uma lacuna muito importante. Eu penso até que este trabalho que nós fizemos de pesquisa que nos levou a estabelecer um contacto forçado com companhias pode de alguma forma abrir portas num outro convívio bem feito. O que é para nós relativamente limitado quando traduzimos um texto de teatro não sabemos por exemplo qual é o efeito que ele dá sobre a cena. Seria importante quando uma companhia entende levar à cena uma peça traduzida por um de nós seria bom que uns e outros nos sentássemos e víssemos como é que cada um de nós pode polir o seu trabalho em função que obtém da outra parte. Ora isto geralmente não é feito, mas isto geralmente não é feito e conviria criar condições para o fazer. Eu de resto gostaria de dizer que o Centro de Drama de Grego Antigo de Atenas que é enfim o nosso coordenador geral nesse programa europeu tem exactamente uma quota de gente q 'e não são apenas universitários mas também gente do teatro, musicólogos, biógrafos, dramaturgos, que têm um conjunto muito diversificado de experiências e por isso os seus resultados são melhores que os nossos.

C: Das peças de que o livro fala deve ter visto muitas delas e certamente que tem uma opinião acerca das mesmas. Pode–nos falar acerca de uma em especial que lhe tenha marcado?

MFS: De uma forma geral, as peças que eu tenho visto em Portugal optam por uma leitura bastante modernizada do texto e da encenação. Quanto ao texto umas são mais fiéis outras são menos mas a forma de produzirem em cena tem pouco a ver de uma forma geral com o que poderiam ter sido as regras do teatro clássico. E eu até compreendo que assim seja e julgo que talvez esse esforço no sentido de procurar uma fórmula mais adequada ao púlico moderno possa ser uma qualidade para atrair um público maior.Seria difícil para mim dizer a que mais me interessou porque posso beneficiar algumas peças que vi em detrimento de outras que eventualmente seriam igualmente boas. Mas por exemplo, uma cativou bastante, foi o famoso "Rei Édipo" que apresentou a Comuna aqui há alguns anos atrás e que de resto lhe valeu um prémio internacional. E que sendo como lhe disse um tipo de adaptação bastante livre relativamnete a uma interpretação antiga na Antiga Grécia, era bastante cativante.

C: Essas adaptações modernas causaram–lhe algum embaraço?



M.F.S: Eu penso que quando as representações mesmo adaptadas a regras modernas resultam num bom espectáculo de teatro, elas no fundo só mostram a capacidade que esses textos tem de serem sempre relidos, reinterpretados, digamos utilmente modificados em função de um novo público. Portanto, se se salvaguarda o sentido geral, a fórmula de apresentação que ela possa vir a ser modernizada, a mim parece–me até ser um factor positivo, desde que o seja com bom gosto.

C: Uma curiosidade é saber qual é a sua relação com o teatro ?

MFS: Nunca fiz teatro numa perspectiva prática mas desde a minha actividade de docente que sempre me dediquei ao teatro, as minhas provas académicas foram feitas essencialmente nessa àrea, como espectadora sempre que posso vou.Não é uma relação directa no sentido em que eu tenha feito teatro.

C: Como é que uma professora do Instituto de Estudos Clássicos se vê agora na posição de pró–reitora ?

MFS: Relativamente à pròreitoria para a cultura, eu penso que ela tem tarefas pela frente e genericamente gostaria de poder vir dar uma colaboração activa à academia no sentido de dinamizar tudo aquilo que são as fontes de cultura da academia, ou seja, existem numerosas entidades a produzir cultura de vários níveis e poderia ser muito interessante que a reitoria, para além da convivência e da colaboração que presta a estas, pudesse também apresentar–se como organizadora de algumas actividades.

C: Quais são as funções de uma pró–reitora para a cultura na Universidade de Coimbra ?

MFS: A pró–reitoria deve colocar–se em duas perspectiva, uma perspectiva que será a de colaborar e apoiar todas as iniciativas que lhe são apresentadas por outras entidades, dentro da academia, mas para além disso deverá também ter a noção que lhe cabe a ela própria de tomar algumas iniciativas. E essas iniciativas penso eu virão no sentido de mobilizar, estimular, de propor actividades conjuntas, unificando as diversas forças.

C: Quais são as dificuldades com que se deparou inicialmente ?

MFS: As grandes dificuldades para quem assume um cargo novo advém da nossa própria ignorância e inexperiência dos próprios cargos que iremos ocupar. Quando vim para aqui, procurei familiarizar–me com o que tem sido a actividade da pró–reitoria da cultura e, a partir do momento em que eu comece a tomar alguma consciência de quais têm sido as dinâmicas desta pró–reitoria, naturalmente a minha função terá de ser a de tentar encontrar o meu próprio caminho e apresentar alguns projectos que possam ser viáveis e que possam ir neste sentido.

C:Qual é a ideia que faz do público universitário ?

MFS: O que eu posso ajuizar do ponto de vista da produção de actividade teatral é que a mobilização dos estudantes é bastante grande, porque se nós formos ver quais são os grupos que dentro da universidade se mobilizam a produzir música teatro, cultura de uma forma geral, verificamos que há muita gente empenhada. Quanto ao público propriamente dito eu penso que ele existe. Às vezes pode parecer um pouco rebelde, há certas organizações que parecem decepcionar um pouco no sentido em que não adere tanto como nós gostaríamos mas eu penso que talvez deva partir de quem promove as actividades culturais a ideia de que uma boa propaganda, uma boa apresentação, uma boa qualidade acabará fatalmente por mobilizar um público cada vez maior.

"...gostaria de poder vir dar uma colaboração activa à academia no sentido de dinamizar tudo aquilo que são as fontes de cultura..."

C: O Dr. Abílio Hernandez disse numa entrevista que esta é a única universidade com um espaço com as características do T.A.G.V no paíse mesmo europeu, o que é verdade. Considera um luxo a Universidade ter um espaço como o T.A.G.V ?

MFS: O facto de a universidade ter um teatro é muito importante no sentido de poder projectar todo o tipo de actividades que se deseja que a universidade tenha. Os grupos existem e é bom que se possa empenhar em favor deles para que melhorem, em termos de projecção, preparação técnica, havendo paralelamente a isso um espaço que os possa acolher, que lhe possa dar a dimensão que se desejaria, isto é uma cadeia segura que pode conduzir a um trabalho bom.

C: E o que tem a dizer acerca do Anfiteatro Paulo Quintela ?

MFS: Eu penso que as dificuldades do teatro Paulo Quintela advém do facto de ser necessário algum restauro, algumas reparações, foi assumido também algum empenho para receber fundos que possiblitassem essa reforma, o que era importante. A partir do momento em que o teatro esteja efectivamente restaurado acho que ele vai poder prestar um enorme serviço à comunidade universitária.

C: O restauro está para breve ?

MFS: Não lhe posso responder com precisão a isso, mas sei que a Universidade e a Faculdade de Letras se têm mobilizado no sentido de obter os meios materiais e técnicos que possam permitir esse restauro. Agora em que ponto concreto é que esse ponto está não lhe posso responder concretamente, porque não sei.

C: Por fim, qual é o texto clássico que mais aprecia ?

MFS: Eu devo dizer que o meu trabalho começou com a Comédia e, sobretudo, Aristófanes, que foi o autor que eu trabalhei durante muito tempo, e posso afirmar que foi "As Rãs" a peça que mais me cativou, se passarmos para o mundo da tragédia a que eu me dediquei também bastante, Eurípides sempre foi o trágico da minha preferência.

Entrevista realizada por Fernando Nunes

Os motores aquecem para mais um...

Circuito das latas

Morphine, The Young Gods, Drugstore, Xutos e Pontapés, Silence 4, Blind Zero e Belle Chase Hotel são só algumas das propostas que prometem aquecer (e muito) mais uma edição da Festa das Latas e Imposição de Insígnias.

Com um programa musical digno de fazer inveja às famosas noites do parque da Queima das Fitas (o que já não se pode dizer da imagem que ilustra o evento!), atractivos musicais é o que não vai faltar para convidar tudo e todos a darem um pulo até ao pavilhão universitário. Aqui fica o roteiro, para não perder pitada no início das hostilidades de mais um ano lectivo...

A "Pista"

Os concertos realizam–se, como habitualmente, no pavilhão universitário (na margem esquerda do Mondego); as portas abrem por volta das 21.30 (à excepção do último dia em que se poderá entrar a partir das 20), e os bilhetes fixam–se entre os mil escudos (para segunda e terça feira, com o aliciante de dar direito a uma bebida no dia do cortejo) e o conto e meio (nos três primeiros dias). O bilhete geral para estudante custa cinco mil escudos.

Quanto ao recinto, promete–se muita animação, muita bebida, música pela noite fora com DJ's convidados e outras grandes surpresas...

A Pole Position

The Young Gods é, concerteza, o nome mais mediático a actuar nesta Latada - chegam da Suiça e contam já com 13 anos de actividade, 5 discos gravados e uma multidão de crentes ou mesmo fanáticos. Não se trata de mais um "igreja" fictícia com fins duvidosos, mas tão somente de uma das melhores bandas rock do momento. Combinam samples e instrumentos de uma forma única, criando ambientes ora paradisíacos ora destruidores, que os elevam ao estatuto de banda de culto por excelência. Na ressaca de trabalhos como "Only Heaven", ou do efémero "Heaven Desconstruction", os The Young Gods já andam a apresentar o novo material ao vivo... ficamos à espera da celebração.

A poucos milésimos de segundo ficam os Morphine, trio norte–americano que prescinde de guitarras para fazer algumas das melhores músicas que o Tio Sam já viu nascer. Saxofone, baixo de duas cordas e bateria, entreajudam–se, liderados pelo carismático Mark Sandman, um autêntico entertainer ao volante nesta corrida em que todos querem participar. Depois de "Good", "Cure for Pain" e "Yes", "Like Swimming" veio confirmar o génio criativo destes norte–americanos que também acabaram de lançar "B Sides and Otherwise".

Os Drugstore (banda britânica com uma vocalista brasileira) são a terceira aposta internacional que, apesar de ainda não gozar da popularidade das duas anteriores, conta com um início de peso. Não é à toa que são apadrinhados por Thom York, o vocalista dos Radiohead, que chega a interpretar com Isabel Monteiro o dueto "El President", no último trabalho de originais "White Magic For Lovers"



A volta de Aquecimento

Antes de assistirmos às performances das pole positions, surgem, para aquecer os motores, interessantes artistas portugueses. Na noite de sexta–feira,o glamour dos Belle Chase Hotel vai inundar todo o pavilhão - oriundos da nossa Lusa Atenas são a nova coqueluche da música nacional, acarinhados pela crítica e aplaudidos pelo público, misturando o perfume do cabaret com conceitos pop\rock. Ainda antes de Belle Chase os Squeeze Theeze Pleeze dão a partida - chegam de Cantanhede e trazem já na bagagem o sucesso do concerto dado no Palco II da última Queima. Outra noite, e novos pilotos nacionais se apresentam : Sunweebs e Silence 4. Os primeiros, de Tentúgal, aceleram na pista do rock alternativo americano, enquanto os já famosos Silence 4, de Leiria, detendo o título de campeões nacionais de vendas, dispensam mais apresentações - o mesmo se aplicando à Estudantina Universitária de Coimbra, que fecha esta noite em alta rotação. No terceiro dia da competição os Bigo correm em casa, e apesar de não terem carro de fábrica, depositam esperanças na mais–valia do conhecimento da pista. Os Ornatos Violeta, que continuam a basear–se na máxima de que o "cão" é o melhor amigo do homem, estão prontos para as curvas e contracurvas, e dispostos a aproveitar todos os obstáculos dos vários géneros musicais que atravessam. Os Xutos e Pontapés, fartos de arrecadar campeonatos, marcam novamente presença nas festas académicas, agora com a compilação, em jeito de Globe trotters das lides musicais, das suas melhores performances, no álbum "Vida Malvada". De volta às pistas coimbrãs estão também os Blind Zero - com Miguel Guedes ao volante de um descapotável e um tanque cheio de combustível, está garantida a presença das meninas de liceu... Os Bodhi, que venceram esta prova há duas épocas, podem este ano exibir o troféu (The Haunted Sessions E P) numa prestação que promete um encontro com o carro vizinho...não desvendamos mais, mas as meninas de liceu voltarão certamente a sorrir!

Acidentes (furos, caixa de velocidades, motor, etc...)

Em caso de sobreaquecimento, problemas estomacais, intoxicações alimentares ou outras, desempenhos que terminem com comas (não confundir com camas, ainda que estas também possam ter carácter acidental - e para essas lá estará a providencial tenda do Projecto Vida) e uma infinidade de contrariedades no percurso, a Cruz Vermelha e os Bombeiros estarão a postos.

Idas à Box

Olhem para a direita e para a esquerda...podem estar a ver a dobrar...mas há mesmo mais barracas de cerveja, para que a chama continue acesa e não seja preciso recorrer ao tanque de reserva. Desde Caipirinhas a Shots, Vodka e Whiskey, muitas são as soluções para o motor carburar noite fora...

E, como nem só de pão-com--chouriço- (perdão, de álcool) vive o homem, pizzas, cachorros e farturas estão ao dispor de quem precisar de compor o estômago.

Última Volta

Depois de um Cortejo (que mesmo sem chuva promete ser bem regado), quem é que tem paciência para apreciar a destreza técnica ou melódica de quaisquer músicos com M maiúsculo? Só dá mesmo para saborear o gosto popular do bacalhau (Quim Barreiros), enquanto chupamos no dedo (Micaela) .Mas o início da derradeira noite deste percurso estonteante (que aqui tem inicio às 20 horas), são os Tara Chic que prometem deslumbrar os parzinhos com clássicos para cantar e encantar. Os últimos quilómetros são da (I)rresponsabilidade da Orchestra Pitagórica: de sanitas a garrafas vai um passo,enquanto as vestes e as violas fazem o resto.

José Carlos Santos

Grelha de Partida

Sexta - 23

Squeeze Theeze Pleeze

Belle Chase Hotel

Morphine

Sábado - 24

Sunweebs

Drugstore

Slence 4

Estudantina
Universitária de Coimbra

Domingo - 25

Bigo

Ornatos Violeta

The Young Gods

Segunda - 26

Bodhi

Blind Zero

Xutos e Pontapés

Terça - 27

Tara Chic

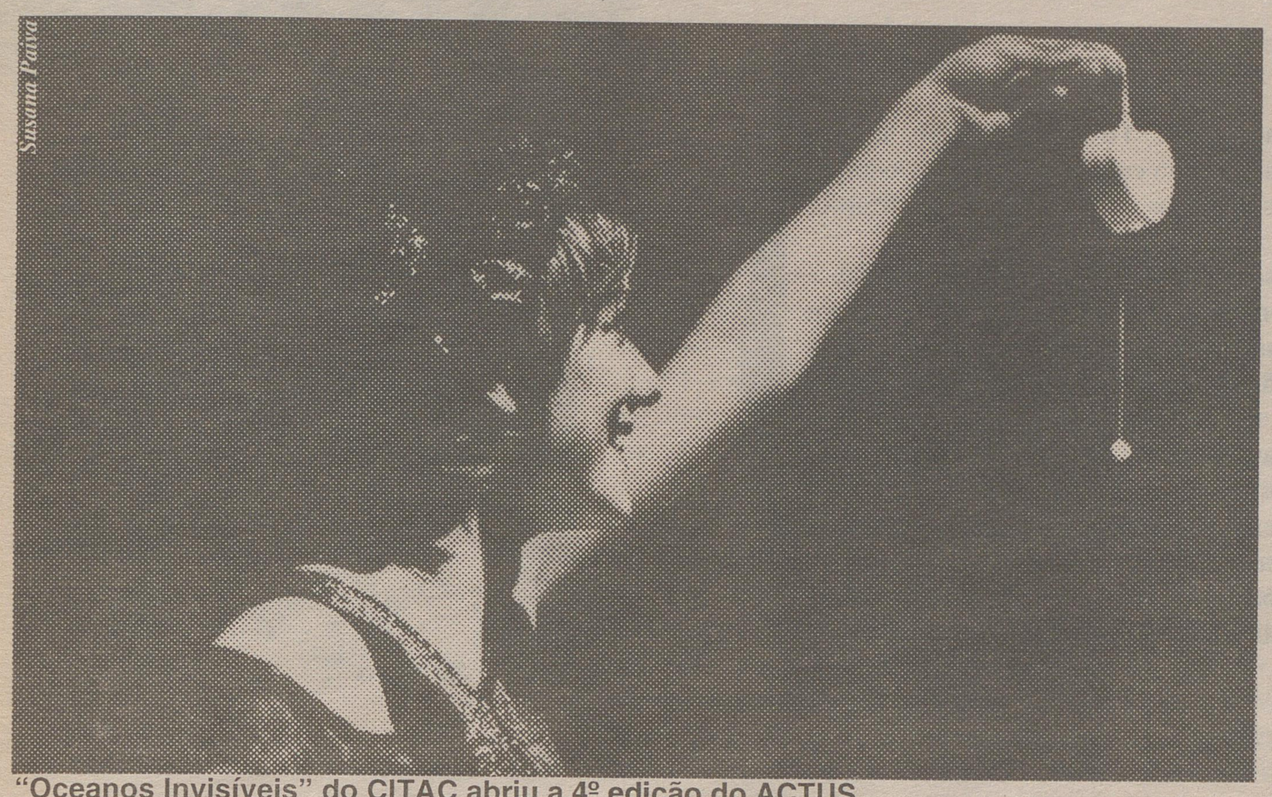
Micaela

Quim Barreiros

Orxestra Pitagórica

4ºedição do Actus abriu no dia 17

A Festa do Teatro Universitário



"Oceanos Invisíveis" do CITAC abriu a 4º edição do ACTUS.

O 4ª ACTUS- Encontros de Teatro Universitário decorre entre 18 e 25 deste mês em vários espaços da cidade de Coimbra. "Oceanos Invisíveis", pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) , com encenação de N., abre esta grande mostra de teatro universitário.

"Não é propriamente um festival mas sim um encontro de várias experências teatrais universitárias. No fundo, mostrar as pessoas que vivem o teatro de uma forma mais descomplexada e experimental e ainda com algum grau de risco. A cidade irá também participar com o atelier e as várias animações de rua proporcionando assim ao público um outro envolvimento com o festival", é este o breve "manifesto" e propósito comum do seu núcleo promotor que congrega elementos do TEUC e do CITAC.

Os estudantes universitários de Coimbra têm aqui uma excelente oportunidade de conhecerem, verem e pensarem as diferentes realidades do teatro académico de vários pontos do país. Trabalhando como verdadeiros laboratórios teatrais, com uma forte componente de pesquisa, o labor desenvolvido por estes grupos constitui uma alternativa válida às propostas que surgem no país em termos teatrais, o que é evidenciado pela procura crescente dos espectáculos de Teatro universitário.

Funcionando e partilhando os seus interesses comuns, os grupos de teatro universitário experimentam realidades distintas, o que está reflectido no tipo de projectos desenvolvidos ao longo do ano, o que irá permitir ao público conhecer as diferentes realidades deste universo particular.

Fernando Nunes

Semana de 10 a 17 de Outubro

Atelier de Teatro de Rua (pantomima), dirigido por Rui Quinteiro

Dia 17 ***Sábado***

17: 00

Performance de Teatro de Rua

21: 45

CITAC - "Os Oceanos Invisíveis"- Teatro Estúdio do CITAC

Dia 18 Domingo

21:45

GTL (Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa) "Hamlet" - Teatro Académico de Gil Vicente.

24:00

"Os Patafísicos" (Instituto Piaget, Viseu)- "Poesia em Keda Livre" -Teatro de Bolso do TEUC.

Dia 19 Segunda Feira

21:45

CITAC - "Oceanos Invisíveis"- Teatro Estúdio do Citac.

24:00

- Os Patafisícos - "Poesia em Keda Livre" -Teatro de Bolso do TEUC

Dia 20 Terça Feira

21:45

CITAC - "Oceanos Invisíveis"- Teatro Estúdio do Citac

Dia 21 Quarta–Feira

21h45

"TA"-"Delícias e Malmequeres" (Teatro da Academia, Viseu) -Teatro Académico de Gil Vicente.

Dia 22 Quinta–Feira

21h45

Cénico de Direito (Faculdade de Direito, Lisboa) -"As Bacantes" - Claustros da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.

Dia 23 Sexta–Feira

16h00

"Tatrubi" (Universidade da Beira Interior, Covilhã) - "Antes de Começar" Teatro Académico de Gil Vicente.

Dia 24 Sábado

"Saltimbancos Medievais"- Sé Velha

21h45

TEMA (Faculdade de Medecina de Lisboa) - "Terra" -Teatro Académico de Gil Vicente.

00h00

TUM (Teatro Universitário do Minho, Braga) - "De Outro" - Teatro de Bolso do Teuc.

Dia 25 Domingo

21h45

Sin–Cera (Universidade do Algarve, Faro) -"O Concerto de Santo Ovídio" - Teatro Académico de Gil Vicente.

24:00

O Triunfo de Dois Porcos (Elementos do Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico, Lisboa) -"O Bobo" - Teatro de Bolso do TEUC.

27ªFestival Internacional de Cinema da Figueira da Foz

"Tempo de Colheita" venceu o grande Prémio

A longa metragem do cineasta alemão Stefan Schneider, "Tempo de Colheita", venceu o prémio principal do 27ª Festival Internacional de cinema da Figueira da Foz (FICFF). Um filme que retrata de forma singular a vivência de seis pessoas, de três gerações diferentes, numa velha casa de campo longe da civilização. Uma mulher irá alterar a ordem estabelecida de tal forma que acaba sendo expulsa da comunidade.Mas nem só do grande prémio atribuído ao sétimo filme do realizador alemão Stephan Schneider vive este certame que, ao que tudo indica, corre o os riscos de renovar–se, o que já não era sem tempo. A Cabra foi à Figueira espreitar as razões porque ainda vale a pena visitar o mais antigo festival de cinema em actividade.

Os Filmes

Os filmes aparecem dos sítios mais reconditos e inauditos do planeta e que podem ir da Mongolia ao Burkina Faso. Na maior parte das vezes são filmes realizados com baixo orçamento (toda a gente sabe o quanto custa fazer cinema!) e que raramente entram no circuito de exibição comercial. Não é tanto pela qualidade ou rentablidade dos filmes que estes filmes não chegam às salas mas porque simplesmente os exibidores nunca tiveram olhos para certos filmes. Não os veem com bons olhos nem querem arriscar a ficar de bolsos vazios. É sempre mais fácil acreditar nas histórias vindas do país do Tio Sam com publicidade garantida ou então apostar nos filmes premiados em Cannes e em Veneza.

Os Prémios

A lista dos prémios atribuídos pelo júri oficial do XXVII Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz foi a seguinte: Grande Prémio de Imagens e Documentos :<<Bertold Brecht>>, de Jutta Breuckner (Alemanha); Prémio de Curta Metragem (ex–aequo): "Repetição Compulsão", de Ellie Lee (EUA) e "13", de Gert Embrechts (Bélgica); Prémio Jornal Notícias:"Seca", de Lisa Moncue (EUA); Placas de Prata: "Anjo da Guarda", de Margarida Gil (Portugal), "Solidão é a Alma", de Rick Schmidt (EUA) e "Heart of the sun"(Bélgica); Prémio Meias Noites da Figueira da Foz /Expo´98: Melhor Filme "Folhas Mortas", de Constantin Werner (EUA); Longa Metragem "O Baile de Máscaras", de Julien Vrebos (Bélgica); e Curta Metrage "Sete Menos Sete", de Gwiillym Lloyal (Espanha); Prémio Cidade daFigueira da Foz; "Seca", de Lisa Moncue (EUA); Prémio Glauber Rocha: "Confluências", de Pilar Elegido (Espanha e Cuba); Prémio da Região de Turismo do Centro: "Cidade Oculta", de Bruno Lázaro Pacheco (Canadá); Prémio Casa da Figueira da Foz: "Sarampo", de Irina Kurtishvill (Alemanha); Prémio Descoberta da Figueira da Foz /98; "Tical no Metrovejante", de de Bert Knieper (Alemanha); Prémio Dr. João dos Santos: "Limonada em Outubro", de Flora Cohen (EUA); Prémio do Júri: António da Cunha Teles (Portugal).

O Filme

Anjo da Guarda é o novo filme de Margarida Gil, após "As Escolhidas", que teve uma estreia e exibições várias durante este festival. O filme mostra–nos a deambulação de uma médica (Lúcia) que, após a perda do pai, vai à procura de uma carta que o pai lhe deixou. Na deriva encontra Àlvaro com quem reparte o diminuto tempo de vida que resta a este, actuando Àlvaro como um anjo da guarda que a protege e resguarda do perigo, permitindo assim a Lúcia um reencontro consigo própria e com a infância.

"Anjo da Guarda" é, sem qualquer dúvida, um hino à condição feminina, composto de belíssimos diálogos e de excelentes prestações das actrizes. Curioso é o facto de todos os homens morrerem no filme, sendo o suicídio, a doença, o homicídio, o destino fatal que o filme lhes dá. Um filme a prestar redobrada atenção quando estrear nas salas de circuito comercial.

O Público

Há 27 anos que existe o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz e quantas pessoas com 27 anos de idade conhecerão e frequentam habitualmente este festival? Nos últimos anos este festival apresenta sinais de renovação do seu público, o que é um sinal de que os próximos festivais serão mais animados e mais participados, não só pelo público da Figueira - a presença massiva e maciça do cineclube da cidade- mas também pela grande legião de amantes deste tipo de cinema existente no resto do país.

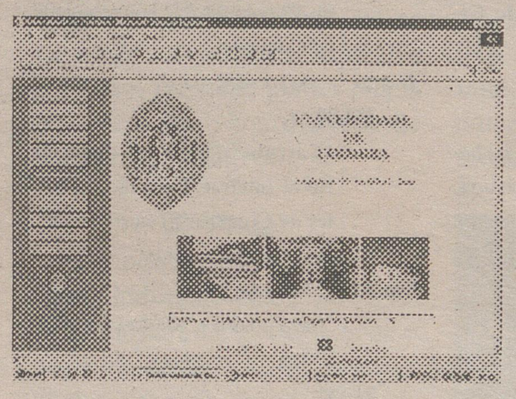
FN

artes

LIGUE-SE

CyberCabra
(a Cabra Computa)

Ora aí está o começo de mais um ano lectivo, agora que já fizeram todas as extenuantes tarefas que são necessárias para viver e ter aulas em Coimbra aceitem a nossa sugestão e dêem uma vista de olhos por estas páginas.



Começamos com (http://www.uc.pt) a página da Universidade de Coimbra, é sempre bom conhecer o local onde estudamos (ou não) e vivemos durante grande parte do ano, esta página tem informações sobre todas as faculdades e serviços pertencentes à UC, conta ainda com links para outros sites de interesse. Um dos sites visados pelos links da página da UC é a página da AAC (http://www.mat.uc.pt/~aacwww97), que apesar de não ser actualizada à largos meses ("Ó rapazes, vejam lá se acordam !") tem o essencial sobre as secções per-



tencentes à AAC e o desenrolar dos acontecimentos referentes à luta anti–propinas. Passemos agora a páginas mais lúdicas, e a minha favorita é (http://www.starwars.com) o site oficial da Guerra das Estrelas, preparem–se para no dia 21 de Março de 1999 assistirem à estreia da prequela "Star Wars: Episode I - The Phantom Menace" com Ewan McGregor e Liam Neeson (para mais infor-



mações consultar também http://www.theforce.net). E para terminar esta lista de sites sugeridos vejam esta página http://members.xoom.com/yaro/macos/unload.htm

que usa JavaScript para emular MacOS... está um espanto !

Rui Alves

OUVE-SE

Is This Desire ?
P.J. HARVEY Island 1998

Depois do extraodinário "To Bring You My Love", Polly Jean volta à sua carreira culminando um periodo onde cruzou universos como os de Nick Cave em "Murder Ballads".

Mas será isto desejo ?

Desejo há em comprar o disco que combina prazer com raiva numa voz muito caracteristica e numa música que chega a fugir aos trâmites habituais das guitarras em fúria desta diva.

O primeiro single "A Perfect Day, Elise" mostrou tudo e precorrendo atmosferas tão distintas como "The Wind" ou "My Beautiful Leah" chegamos a ponderar a questão de estarmos ou não perante o mesmo disco.

Genial e muito bem trabalhada, esta prova de maturidade e mestria está disponível em qualquer boa discoteca.

Hugo Ferreira



Psyence Fiction
UNKLE Mo'Wax 1998

- I Had A Dream !

James Lavelle teve um sonho e para o concretizar convidou D. J. Shadow que acaba por ser o grande maestro e instrumentista deste disco, ficando Lavelle com a função de arquitecto.

"Psience Fiction" não é a prometida obra prima dos anos 90, até pode estar bem longe disso. Quando muito será um sério candidato aos discos do ano, mas não é qualquer àlbum de originais que se pode orgulhar de reunir nomes como Thom York (vocalista dos Radiohead), Richard Ashcroft (vocalista dos The Verve), Mike D dos Beastie Boys entre muitas outras estrelas...

No seguimento de muito trabalho que Lavelle tem lançado na sua Mo'wax, o cerne da questão paira entre o hip hop e os seus sucedâneos, mas também vagueia entre muitas outras correntes dançáveis e emoções dignas de grandes orquestras.

A mestria significativa de "Unkle Main Title Theme" não se perpetua ao longo de todo o disco, mas temas como "Rabbit In Your Headlights" (que por sinal tem um video fabuloso!), "Lonely Soul" ou "Cloodstain" merecem toda a atenção.

No rescaldo de tudo isto salta à vista o marketing envolvido em "Psyence Fiction" desde os bonecos criados para o efeito até ao suspanse gerado ao longo de entrevistas que antecederam esta edição.

HF



The Boy With The Arab Strap
BELLE AND SEBASTIAN
Jeepster Recordings 1998

- Quém é que se lembra dos ternos desenhos animados que se passavam em plenos Pirinéus !

Para quê os Silence 4 e todas as outras bandas de guitarrinhas afinadas que se dedicam a compor baladas de sabor acústico e doçe quando se pode ouvir o regresso dos Belle and Sebastian.

Revivalistas? ... Porque não?

Nick Drake e Stereolab são influências ! ... Tudo bem ! Até haverá muitas mais, mas este "The Boy With The Arab Strap" é um disco delicioso. Posso até, daqui a um mês, achá–lo uma valente seca, mas tinha o memo receio àcerca do primeiro disco deles e confesso que não me consigo fartar de o ouvir.

Desde o amor perfeito ao infiel competente, passando pelo desgraçado à procura de um ponto de abrigo, esta banda sonora serve para tods as ocasiões.

Dá–me vontade de pegar no disco, ajustar o "repeat" e passar uma noite inteira a escrever coisas que ninguém vai ler.

Hugo Ferreira

feitas

SENTE-SE

O Resgate do Soldado Ryan
Saving Private Ryan

com *Tom Hanks, Tom Sizemore, Matt Damon*, entre outros.
de ***Steven Spielberg***
EUA-1998, cor.

Spielberg regressa em grande com esta película, conquistando um lugar na filmografia de guerra obrigatória, juntando–se a clássicos como "Ponte do Rio Kwai", "Apocalypse Now", "Nascido para Matar" e "Platoon". Estes últimos sagraram–se pela inigualável combinação de interpretações notáveis, realizações e planos de fotografia inesquecíveis, com argumentos excepcionais - e é neste último ponto que "O Resgate do Soldado Ryan" sai a perder. A nível de interpretações apenas se pode dizer que os actores foram escolhidos a dedo: a "companhia" do capitão Miller é constituída por um elenco notável, que nada fica a dever aos elencos de filmes como os acima referidos.É certo que, para além de Tom Hanks, não há outras"estrelas", já que Matt Damon garante ter sido escolhido para o papel ainada antes da fama obtida em "O Bom Rebelde". Quanto à fotografia, efeitos sonoros, efeitos especiais e realização são, numa palavra, de carácter magistral. A sequência inicial - meia–hora em que o espectador se sente como um repórter fotográfico que desembarca com as tropas norte–americanas em Omaha Beach, precisamente no sector em que mais soldados cairam - é a meia–hora mais violenta da história do cinema, em que quase se consegue reconstituir (asseguram alguns veteranos da 2ª GM) o que na realidade se passou naquelas praias, no dia 6 de Junho de 1944. É inevitável a comparação com "O dia mais longo", que retrata exaustivamente o desembarque - mas a morte limpa e quase digna deste filme não se compara à brutalidade e à carnificina que "O Resgate do Soldado Ryan" nos mostra. As sequências de guerra do filme são simplesmentemente arrepiantes, tal é o seu realismo atroz. Não restam dúvidas, Spielberg assina um excelente trabalho, que prende o espectador ao assento. Inesquecível, a cena em que, enquanto aguardam os alemães, os soldados ouvem Edith Piaf numa rua de uma vila destruída na frente, começando lentamente o barulho dos tanques nazis a sobrepor–se à música, resultando numa ceno no mínimo angustiante. Do argumento não há muito a desvendar, excepto que é o calcanhar de Aquiles deste filme: a busca do soldado Ryan, através de um dos piores cenários de guerra de sempre, serve apenas de fio condutor para vermos as várias fases do desembarque e o ínicio da libertação da Europa ocupada. Aqui e ali propicia–se a reflexão sobre a estupidez que é a guerra, mesmo a que leva 8 homens a arriscar a vida para salvar um, para que uma mãe não tenha que chorar a morte do último dos seus filhos. Um dilema brutal, sem dúvida, mas que por si só não consegue justificar o filme.

D' "O resgate do Soldado Ryan" ficam as imagens, mas não a sua "estória" - só por elas não se gorando o manifesto anti–guerra em que este filme tentava traduzir–se. Para finalizar, a música "de elevador" de John Williams - a anos–luz daquilo a que a parceria com Spielberg nos habituou, mormente na "Lista de Schindler" - bem como a cena final, são perfeitamente dispensáveis... mas por vezes em Spielberg, a vontade de emocionar as pessoas pode dar lugar a um lamechismo exarcebado.

Em suma, sério candidato aos óscares principais, "O Resgate do Soldado Ryan" é um grande filme que, apesar dos pontos fracos, se manterá inquestionávelmente como o grande espectáculo visual do ano.

João Melo Alvim

Moretti regressa com Abril

O realizador de cinema italiano Nanni Moretti regressa às salas de cinema portuguesas com o seu mais recente filme intitulado de "Abril". Nanni Moretti é o realizador do filme "Querido Diário" que há cerca de três anos surpreendeu e atraiu milhares de espectadores de cinema às salas europeias e seria mesmo um sucesso comercial entre nós. Nessa altura, o jornalista da "Cabra", Peddro Bandarra e Lavoura, escrevia assim: "Falar de "Querido Diário" de Nanni Moretti é antes de mais uma impossiblidade. Uma doce e sedutora impossiblidade". E só nos resta esperar que o filme "Abril" venha a Coimbra o mais breve possível.



LÊ-SE

"À votre santé!"

A Gradiva lançou recentemente em Portugal um título que tem feito furor em França, onde já vendeu mais de 30 000 exemplares. O sucesso d' " O Primeiro Golo de Cerveja e outros prazeres minúsculos", de Philippe Delerm, justifica–se sobretudo pela facilidade de leitura: 34 textos de pouco mais de uma página, numa escrita sem pretensiosismos excessivos, nem na linguagem, nem no conteúdo.

A nostalgia, assumida, impera em cada linha, raiando o patético despudorado, numa convicta investida quixotesca contra o efémero, o virtual e o asséptico da era moderna. A prosa recupera assim, através de Philippe Delerm, a defesa de um sentir que há muito era exclusivo da poesia (entre nós, maxime, Eugénio de Andrade).

Philippe Delerm não nos traz enredos, personagens ou opiniões. Não escreve sequer sobre emoções - ele descreve "apenas" sensações insignificantes, momentos normalmente indignos de registo, pequenas polaroids empoeiradas que desapareceram do álbum sem que ninguém desse pela sua falta. Onde então o motivo do interesse despertado por esta recolecção de cacos esquecidos, sem culpa nem remorso, pela memória colectiva? É que o autor expôs–lhes a alma, devolveu–lhes as cores, os cheiros, os enquadramentos - recuperou–lhes o significado e suscitou, no Homem pré–ordenado e auto–cronometrado de hoje, um eco de saudosismo. "C'est tout."

Baixinho, através de (reen)cont(r)os discretos, Philippe Delerm gritou a sua revolta contra o esquecimento da essência das coisas, contra a cegueira perante um pequenino mundo de minúcias quotidianas e intemporais, que são o básico e, por isso mesmo, o alicerce que sustenta a actualidade complexa e tendencialmente efémera que (vi)vemos.

Mas a identificação do leitor com este imaginário não será contínua, - ou não fosse este espaço das memórias de um individualismo inclonável - pelo que se pode insinuar, a qualquer momento, uma indiferença entediante, uma convidativa tentação para esquecer o livro, ainda por terminar, na prateleira. Para lutar contra este injusto abandono do todo pela parte, permita–se alterar a ordem dos textos, e reconquiste a vontade lendo, por exemplo, "Convidado de surpresa"; "O primeiro golo de cerveja"; "O jornal do pequeno–almoço" ou " Mergulhar nos caleidoscópios".

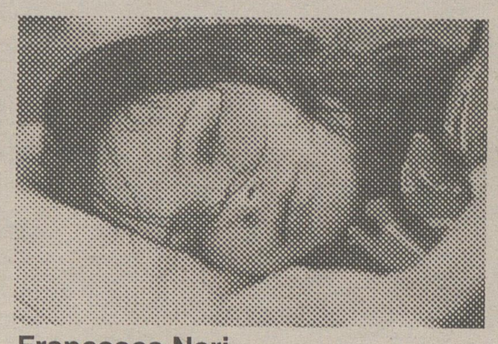
A leitura ininterrupta do livro é, pois, contraproducente: para ser "saboreado", cada texto deve ser - perdoe–me o autor o aproveitamento da imagem - "bebido" como o primeiro golo apetecido de uma cerveja que logo se abandona, para evitar o esmorecer, em "dégradé" do prazer inicial...

Andreia Gouveia

VÊ-SE

Em Carne Viva
Carne Tremula

com *Javier Bardem, Francesca Neri, Liberto Rabal, Angela Molina* e *José Sancho*
de ***Pedro Almodovar***
Espanha–França 1997



Francesca Neri

Era uma vez um rapaz que nasceu num autocarro, num país sob domínio ditatorial. Neste país tudo era cinzento, a condizer com a repressão sentida por todos. Vinte anos depois o rapaz tem a sua primeira experiência sexual, já num país livre e muito mais colorido.

A partir daqui uma sequência de peripécias carregadas de dramatismo, conduzirão o espectador, num suspense envolvente, até um final em jeito de fábula.

"Em carne viva" é um filme viril, másculo. As personagens femininas mantêm–se sempre um pouco à parte. Peões nas mãos dos homens, e dos desejos que neles despertam. A sua presença é fundamental, são elas quem despoletam todo o jogo de amor, ciúme e morte que preenche o filme, mas é uma presença passiva. Os homens, por seu lado, ajem. Violentamente, apaixonadamente, loucamente. De resto todas as personagens são excessivas, egoístas e independentes. Vivem para si, e exigem que os outros vivam para elas.

Almodovar filma os corpos: essa máquina magnífica. E para isso conta com um magistral grupo de actores. Desde a belíssima Francesca Neri (aquele lábio superior ligeiramente saliente é inesquecível), à animalidade física de Liberto Rabal ou à paraplegia da personagem encarnada por Javier Bardem, é a vida que se sente pulsar.

Almodovar está mais maduro. Já não sente necessidade de chocar ou provocar os espectadores, ainda que o tenha feito sempre apenas de forma instintiva. De resto é sempre instintivamente que Almodovar conduz os seus filmes. A intervençao política resume–se aos primeiros minutos, e expressa a necessidade de dizer algo. Neste filme toca alguns dos temas que mais ocupam as pessoas na charneira dos cinquenta anos. Há uma necessidade expressa de viver algo que não se viveu, bem como o desejo saudosista de ter aprendido enquanto era tempo. Perto dos cinquenta o passado soa a vazio, a insatisfação. Tudo podia ter sido muito melhor. Tudo podia ter sido como neste filme vibrante e belo.

Provavelmente o melhor do realizador. 17 Valores (porque aqui também não damos vintes).

Manuel Pereira

Conselho social criado na U.C.

A 14 de Outubro foi criado o Conselho Social da Universidade de Coimbra com o objectivo de fomentar uma ligação permanente entre as actividades da Universidade e a comunidade.

Depois de um longo processo de consultas foi instalado o Conselho Social da Universidade de Coimbra, cuja criação estava prevista nos Estatutos da Universidade aprovados em 1989. Este recém criado orgão, que detém poderes meramente consultivos, conta entre as suas competências a capacidade de emitir pareceres àcerca da necessidade de reestruturação ou criação de novos cursos. Ao reunir–se, o que acontecerá duas vezes por ano, poderá também propor o estabelecimento convénios ou protocolos entre a U.C. e outras instituições públicas ou privadas, fomentando a integração profissional dos seus graduados.

O Conselho Social é constituido pelos representantes de 20 instituições e por 10 individualidades de reconhecido mérito. Artur Santos Silva, Ludgero Marques, Américo Amorim, Àlvaro Barreto, Jardim Gonçalves e Manuel Alegre são algumas das personalidades que integram este conselho. Quanto a instituições estão presentes algumas de âmbito local, como a Câmara Municipal de Coimbra, a Associação Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra, a Fundação Bissaya Barreto e o Clube de Empresários. Estarão também representadas outras de carácter nacional: a Associação Industrial Portuguesa (representada por Rocha de Matos), a Fundação Calouste Gulbenkian (representada por Ferrer Correia, antigo reitor da U.C.) e a Comunidade de Países de Lingua Portuguesa (representada por Marcolino Moco). A sua designação foi da responsabilidade do Reitor, que para o efeito ouviu os Conselhos Directivos das faculdades.

Neste orgão tem também assento os representantes dos vários organismos e faculdades da Universidade de Coimbra. Também os estudantes, através do presidentes da direcção geral da AAC, os docentes, os investigadores, os funcionários e os directores de diversos organismos (como a biblioteca, o arquivo) nele estarão representados.

A criação deste Conselho é, para Fernando Rebelo, reitor da Universidade de Coimbra, "a institucionalização dos já existentes contactos da Universidade com o exterior". Segundo ele, que vê com bons olhos a dinamicidade deste orgão, o mais importante "é que através do Conselho Social nós consigamos dar estágios em muitas áreas aos nossos alunos finalistas, e que inclusivamente alguns possam vir depois a ficar lá empregados". Na sua opinião o mais importante será harmonização e adaptação da oferta às necessidades sentidas pelo mundo do trabalho. Ao exprimir o seu anseio de que as reuniões sejam produtivas afirma: "espero que quando um dirigente de uma determinada instituição bancária, que faz parte do Conselho Social, souber ao longo de uma conversa que o banco concorrente oferece trinta ou quarenta vagas para estágio, espero que se anime e ofereça também ele".

Bruno Ferreira

Discurso contundente na abertura solene das aulas

" A orgânica da Universidade de Coimbra não difere substancialmente do que era antes do 25 de Abril.(...) É preciso introduzir novas concepções, novas estruturas, novas maneiras de pensar e de actuar." Foi desta forma contundente que Arsélio Pato de Carvalho, decano da FCTUC,no passado dia 14, na sua oração de sapiência, proferida na abertura solene das aulas, exigiu uma mudança na Academia.

O docente defendeu uma mudança de estratégia que proporcione uma resposta ao ensino de massas e permita a investigação científica. Pato de Carvalho lembrou Sidónio Pais, que há 90 anos disse: "A Universidade não só deve ser moderna, é preciso que não pareça velha." De facto, o discurso do presidente do Centro de Neurociências foi a grande surpresa da cerimónia que decorreu na Sala dos Grandes Actos.

O reitor, Fernando Rebelo, realçou dois acontecimentos que, na sua opinião, marcaram o ano lectivo passado: o processo de eleição do reitor e a contestação dos estudantes à lei do financiamento. Lembrando que a questão das propinas não está ainda resolvida, Fernando Rebelo deu a entender que, se a lei não for alterada, pouco poderá fazer.

O sucessor de Rui de Alarcão anunciou que o Contrato–Programa para o financiamento dos anexos, assinado com o governo, trará um milhão e 700 mil contos para 5 anos, 400 mil dos quais ainda durante este ano.

O reitor considerou o orçamento para 1999 "aparentemente interessante", mas colocou algumas reservas, porque este inclui as propinas e afastou–se do chamado orçamento padrão definido para a Universidade.

Bem mais crítico em relação às verbas concedidas a Coimbra foi António Silva. O presidente da Associação Académica manifestou–se indignado e falou de "claros sintomas de gastrite orçamental", alertando para o facto de os cortes orçamentais colocarem a Universidade "numa situação verdadeiramente incomportável".

António Silva criticou fortemente o poder político e acusou-o não só de "estar a remar contra a maré", mas também "de não ter sequer mar e insistir em remar". Ficou mais uma vez o aviso de que os estudantes não vão desistir da luta e têm uma palavra a dizer na orientação do Ensino Superior em Portugal.

Hugo Daniel Sousa

Uma recepção à pala...

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra recebe festivamente os novos caloiros, um pouco mais tarde que as Faculdades de Coimbra.

Além do facto de as aulas do Instituto terem tido o seu início a 19 de Outubro, a Associação de Estudantes do ISCAC não quis deixar de lado os alunos que só entram na segunda fase de acesso. Assim, os festejos da recepção ao caloiro irão decorrer de 9 a 13 de Novembro.

Nessa Semana, os caloiros vão conhecer o espírito festivo académico - de que Coimbra tanto se orgulha - com um vasto programa de actividades que, longe de entrar em qualquer rivalidade com a semana da Latada da Universidade de Coimbra, pretende dar ao ISCAC uma nova imagem, naquele que será o primeiro ano das suas três novas licenciaturas (Auditoria e Contabilidade, Gestão de Empresas e Controlo de Gestão). Dados os "timings" da saída do Jornal não permitirem o anúncio completo do programa, uma vez que este ainda está em "construção", iremos centrar–nos apenas no que já está confirmado. Então aqui vai...

Na continuação do que já é hábito no Instituto, ocorrerão diversas iniciativas que manterão os caloiros (e não só) entretidos durante toda a semana. Entre estas conta–se um "Peddy Tascas", um Jantar de Curso, as eleições de Mister/Miss Caloiro(a) e o II Torneio Desportivo "Maia Gomes", que englobará desde o futebol à sueca, etc...

Para animar as noites do Instituto, está planeado um programa que tenta abranger todos os gostos. Na Segunda–feira, 9 de Novembro, dá–se início à semana com uma Noite Académica, com Serenata e a actuação de diversas Tunas Académicas, onde se inclui a Tuna Feminina do ISCAC. Na Terça–feira, dia 10, é a vez da Noite do Caloiro que contará com os concertos dos Ocaso, Supersonic e Clã. Quarta–feira, dia 11, é a Noite Pimba, que tem confirmada a actuação de um grupo de baile, os Meidin, e uma cantora Pimba de âmbito nacional, ainda a definir. No dia 12, Quinta–feira, a Noite Rock conta com a presença dos americanos Mad Daddy's (uma banda que se encontra na linha dos Cramps) e dos conimbricences Tédio Boys que, depois de mais uma auspiciosa tournée americana, apresentam pela primeira vez o seu terceiro álbum de originais. Por último, Sexta–feira 13, a Noite das Bruxas irá contar com concertos dos Hornet e dos Belle Chase Hotel, que ante–estreiam o seu primeiro registo gravado para a editora Norte–Sul.

Em vista estão ainda outras bandas, como os Tu Metes Nojo, sem data definida. Bem definido está já que todas as noites terminarão com convívio até... apetecer. E pode–se aproveitar bem a mesada para beber, porque todas as noites são de borla...

Raquel Correia

Congresso Internacional sobre Anchieta em Coimbra e o Colégio das Artes-450 anos

Entre os próximos dias 25 e 29, o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra promove um Congresso Internacional dedicado à figura de José de Anchieta. O objectivo do Congresso Internacional que atrairá a Coimbra dezenas de especialistas oriundos de dez países é dar a conhecer o homem de letras e cultura que foi José de Anchieta e recordar também os 450 anos da fundação do Colégio das Artes. Anchieta, que partiu de Tenerife, nas Canárias, com apenas 14 anos acompanhado de um irmão mais velho, recebeu em Coimbra a formação humanística que faria dele o grande nome que é hoje nas letras brasileitas. Ainda em Coimbra, descobriu a sua vocação religiosa, ingressando na Companhia de Jesus, e daí foi enviado como missionário para o Brasil, onde morreu em 1597, com 64 anos. A sua obra está escrita em quatro línguas - português, latim, castelhano e tupi (que aprendeu com os índios do Brasil) - inclui teatro, cartas, sermões, poemas líricos, catecismos e umaepopeia que é a prmeira escrita em terras americanas e uma das melhores produzido antes de "Os Lusíadas".

Quartas Feiras de Jazz no Instituto da Juventude

Coimbra irá ter ciclo de Jazz até Dezembro. A realizar–se entre o dia 21 de Outubro e 2 de Dezembro e organizado pela Câmara Municipal de Coimbra e a Empresa de Espectáculos Dito e Feito, o evento tem o nome de Ciclo de Quartas.

Os concertos terão lugar no espaço do Auditório no Instituto da Juventude e contarão com a presença dos melhores instrumentistas na àrea do jazz. A João Paulo Esteves da Silva e Peter Epstein cabe abrir o ciclo que contará com uma série de sete concertos. O segundo concerto realiza–se no próximo dia 28, e será executado por Cris Alexander, Bernardo Moreira, Carlo Morena e Aldo Caviglia. A actuação da cantora Paula Oliveira será a 4 de Novembro, acompanhada pela Big Band de Claus Nymarrk, onde pontuam músicos como Edgar Caramelo, no sax–barítono, Tomás Pimentel, no trompete, e André Sousa Machado, na bateria. Outra presença é a do pianista André Sarbib no dia 11 de Novembro que será acompanhado por Savo Araujo no saxofone, Chico Cardoso na bateria e Zé Lima no contrabaixo.

Um dos grandes concertos do ciclo está marcado para o dia 18 de Novembro onde participam Carlos Martins, Alexandre Frazão, Carlos Barreto e João Paulo Esteves da Silva.

O trio de música Jazz Ad Libitum, composto por António Gonçalves, na guitarra, Pedro Pacheco no violino, e João Lobo, na bateria, dará também um espectáculo no dia 25 de Novembro, que precede a sessão de encerramento.

No encerramento, a 2 de Dezembro, está prevista uma jam session, com a presença de vários músicos que participaram em sessões anteriores.